



**UNIVERSIDADE DE UBERABA – UNIUBE
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E EXTENSÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO: FORMAÇÃO
DOCENTE PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA**

ABAPORANG PAES LEME ALBERTO

A TECNOLOGIA NA ESCOLA COMO UMA EXPERIÊNCIA EXISTENCIAL

UBERLÂNDIA

2018



**UNIVERSIDADE DE UBERABA – UNIUBE
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E EXTENSÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO: FORMAÇÃO
DOCENTE PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA**

ABAPORANG PAES LEME ALBERTO

A TECNOLOGIA NA ESCOLA COMO UMA EXPERIÊNCIA EXISTENCIAL

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Educação, como requisito parcial para a obtenção de título de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Osvaldo Freitas de Jesus

Linha de pesquisa: Educação Básica: Planejamento e Gestão

Área de Concentração: Educação

UBERLÂNDIA, MG

2018

FICHA CATALOGRÁFICA

ALBERTO, Abaporang Paes Leme.
93p. A tecnologia na escola como uma experiência existencial. Abaporang Paes Leme Alberto – Uberlândia, 2018

93f.; iL.

Dissertação – Universidade de Uberaba. Programa de Pós-Graduação em Educação: Educação Básica: Planejamento e Gestão. Orientador: Prof. Dr. Osvaldo Freitas de Jesus.

1.Educação 2.Tecnologia 3.Fenomenologia 4.Existencialismo.

Abaporang Paes Leme Alberto

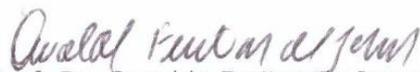
Abaporang Paes Leme Alberto

A TECNOLOGIA NA ESCOLA COMO UMA EXPERIÊNCIA EXISTENCIAL

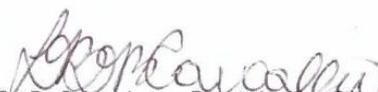
Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Educação da Universidade de Uberaba, como requisito final para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Aprovado em 08/08/18

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Osvaldo Freitas de Jesus
(Orientador)
Universidade de Uberaba- UNIUBE



Prof^a. Dr^a Luciana Beatriz de Oliveira
Bar de Carvalho
Universidade de Uberaba - UNIUBE



Prof^a. Dr^a Maria Celia Borges
Universidade Federal de Uberlândia -
UFU

Ao professor Osvaldo Freitas de Jesus,
fonte de inspiração para toda vida.

AGRADECIMENTOS

Ao Governo Federal, pelas políticas que dificultaram a vida do servidor público; isso me impulsionou a sair do comodismo. No mesmo passo, ofereceu possibilidades e facilidades aos servidores-estudantes. À equipe PROGEP PONTAL, pelo estímulo e apoio que possibilitaram a dedicação prévia para o ingresso. A Universidade Federal de Uberlândia, em especial ao programa QUALIUFU, que custeou uma pequena, porém significativa, parte deste processo.

À minha esposa, Márcia de Souza Oliveira Paes Leme Alberto, parceira e incentivadora em todos os instantes.

Às professoras Lucia de Fátima Valente (UFU), Maria Célia Borges (UFU) e Reane Franco Goulart (IFTM) pelo estímulo no momento exato e pelas revisões e sugestões no anteprojeto de pesquisa. Sem vocês não teria ingressado no programa.

Ao Prof. Osvaldo Freitas de Jesus, docente do curso de Mestrado Profissional da UNIUBE, um orientador solidário, sábio e sereno. Uma pessoa interessante, escondida na simplicidade do olhar e no riso fácil que contagia, cujos ensinamentos estendem para a vida de forma tão simples e tão profunda que é difícil traduzir. Obrigado pelo exemplo de ser humano, ímpar no conhecimento e humildade no fazer. Que os meus feitos caminhem rumo à sabedoria e à humildade acolhedora que você nos ensinou.

À coordenadora do curso e Profa. Luciana Beatriz de Oliveira Bar de Carvalho exemplo de profissionalismo e parceria. Ser humano ímpar, consegue brigar e acolher ao mesmo tempo. Irradia determinação e consegue levar todos ao seu redor para frente em busca dos objetivos do programa, pessoa incrível. Agradeço por ter me acolhido, com tantas dificuldades, e ainda assim fazer crescer. Como disse um dia, irradiando sorriso: “vou bater para crescer”.

Ao Prof. Orlando Fernandez Aquino, pelos primeiros passos na ciência, são técnicas e saberes preciosos. Aos professores do programa que tanto influenciaram meu crescimento e ao Colegiado do Curso pelo carinho e ensinamentos durante o ano que participei.

Aos colegas de curso, sem eles o prazer desta experiência não seria tão feliz. Todos foram importantes, cada um desempenhando papéis que me impulsionaram, porém alguns foram especiais, formaram a base que me sustentou, foram os elos mais fortes da corrente. Patrícia Aparecida da Cunha, amiga de longas conversas, responsável, dedicada e motivadora, sem sua parceria esta realização não seria possível. Laurice Mendonça da Silveira, amiga, parceira e sensível. Evaldo Batista Mariano Junior, tornou minhas viagens mais leves, prazerosas e culturais. Maria Luiza de Borba Alves, olhar humano incrível e voz espetacular. Mateus Momenté Alves, envolvente, questionador e motivador. Rodrigo Mendonça de Faria, grande celebridade, tornaram alegres nossos momentos em aula. Adriana Aguiar da Silva, do fim do mundo, por quê o meio estava mal feito, sem seu olhar e sua esperança a transformação não teria sentido. Idalina Maria Auxiliadora Mendes Veloso, sem lançar e divertir com seu carisma as aulas teriam sido mais difíceis. Agradeço a todos, sem vocês não seria tão feliz esta árdua jornada.

Aos colegas de trabalho, no Cartório Eleitoral de Ituiutaba, pelo carinho que motiva e a compreensão de minhas ausências para dedicar ao curso de mestrado. Neste local tenho encontrado mais que novos conhecimentos, aprendo a cada dia o significado do termo “parceria”.

*Não existe ensino que se compare ao
exemplo*

Robert Baden Powell

RESUMO: Essa dissertação procura indagar e interpretar com a ajuda da filosofia o papel da tecnologia na educação escolar atual, ressaltando seu aporte pedagógico, mas também os riscos de ser alienante. A técnica não é um bem exclusivo dessa sociedade. O *homo sapiens*, ao dominar a pedra lascada e construir instrumentos, já era sujeito da técnica. Entre o machado de pedra e a INTERNET, há um acúmulo de informações e de conhecimentos, mas o mais antigo e primitivo e o mais refinado e moderno, ambos renderam e rendem serviços importantes à civilização. Essa pesquisa de natureza bibliográfica, inserida na linha “**Educação Básica: Planejamento e Gestão**”, do **Programa de Mestrado Profissional em Educação Básica, UNIUBE**, reúne a filosofia e a técnica, com objetivo de compreender o papel da tecnologia na educação escolar atual. Martin Heidegger e sua filosofia fenomenológico-existencial tornaram-se o ponto apoio da filosofia nesse trabalho e Nicholas Carr, pesquisador do Massachusetts Institute of Technology – MIT – um dos criadores da teoria das nuvens de informação e um desconfiado dos efeitos da tecnologia, chega a vê-la como uma caixa de Pandora. A técnica, entretanto, não é vilã ou heroína; é apenas aquilo que se fizer dela. Com isso, caso realize adequadamente uma análise filosófica do uso tecnológico nas escolas será possível sugerir novas reflexões sobre a prática escolar. Iremos aqui fazer a reflexão do trabalho como docente em escolas de educação básica na cidade de Ituiutaba, Minas Gerais, que serão objetos de avaliações nesta dissertação sendo que uma delas apresentaremos um Estudo de Caso. O resultado destas análises resultou num produto: Compilado de sugestões para práticas escolares.

Palavras-chave: Educação. Tecnologia. Fenomenologia. Existencialismo.

ABSTRACT: This dissertation tries to pinpoint and to understand the role of technology in education nowadays. It points out the pedagogical contribution that technology conveys, but also the risks it offers. Technique is not a privilege of the contemporary society; *homo sapiens* was able to make tools out stones and use them as instruments in the everyday life. Either an axel or the INTERNET, both represent singular advances in society, each one in its own time. This research is bibliographical and it linked to research interest: “**Educação Básica: Planejamento e Gestão**”, within the **Professional Master Program of Education at UNIUBE**. In its theoretical foundation, “Being and Time” by Martin Heidegger is used, because it offers an important conceptual *corpus* to criticize the usage of technology nowadays. In addition, Nicholas Carr, an MIT researcher and author, offers an interesting critique of the role of technology in education. According to him, INTERNET makes human-being lose attention and concentration. As a matter of fact, technology is indifferent; it depends upon what one does with it. It may be good, or it may be bad. These ideas are the result of a work in schools in Ituiutaba, Minas Gerais.

Keywords: Education. Technology. Phenomenology. Existencialism.

LISTA DE SIGLAS

AEE	Atendimento Educacional Especializado
CAIC	Centro de Atenção Integral à Criança
EJA	Educação de Jovens e Adultos.
Ideb	Índice de Desenvolvimento da Educação Básica
PDDE	Programa Dinheiro Direto na Escola
PDE	Plano de Desenvolvimento da Escola.
PPP	Projeto Político Pedagógico.
PROINFO	Programa Nacional de Tecnologia Educacional
PRONAICA	Programa Nacional de Atenção Integral à Criança e ao Adolescente.
SRE	Superintendência Regional de Ensino
TIC	Tecnologias da Informação e Comunicação
UCA	Um Computador por Aluno
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
US	Unidade de serviço

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1 Site Objetos Educacionais. Fonte: <http://objetoseducacionais2.mec.gov.br/> acesso em 20/06/2018.....34
- Figura 2: Site Objetos Educacionais detalhe de pesquisa. Fonte: <http://objetoseducacionais2.mec.gov.br/> acesso em 20/06/2018.....35
- Figura 3: Foto ginásio poliesportivo. Esta foto é o retrato do CAIC não só em Ituiutaba como em todas as cidades que ele está presente devido sua arquitetura marcante. O ginásio pode ser visto em diversos lugares do município. Fonte: <http://caicituiutaba.blogspot.com/> acesso em 21/06/18.....51
- Figura 4: Vista de frente ao Bloco A, entrada principal da escola. Foto tirada no jardim. Fonte: <http://g1.globo.com/minas-gerais/triangulo-mineiro/noticia/2015/01/escolas-sao-preparadas-para-volta-aulas-em-ituiutaba.html> acesso em 21/06/201851
- Figura 5: Logo usada pelo CAIC em redes sociais. Fonte: Arquivo de capa da Escola no facebook <https://www.facebook.com/Caicltuiutaba/photos/a.150012061809661.47270.150009978476536/150012071809660/?type=1&theater> acesso em 21/06/2018.....52

SUMÁRIO

1	MEMORIAL.....	13
2	INTRODUÇÃO.....	18
3	CONTEXTUALIZANDO A FENOMENOLOGIA	21
3.1	A FENOMENOLOGIA EXISTENCIAL.....	23
3.3	O CÉREBRO E SUAS ADAPTAÇÕES AO MUNDO SOCIAL	28
3.4	<i>FAKE NEWS</i> , AMBIGUIDADE E CURIOSIDADE.....	29
4	TECNOLOGIA: UM ELEMENTO NA VIDA DE DOCENTES E ALUNOS.....	32
4.1	TECNOLOGIA E ESCOLA: EXPERIÊNCIAS PEDAGÓGICO-EXISTENCIAIS	33
4.2	INTERNET NA SALA DE AULA.....	41
4.3	RELATOS DE AULAS	45
4.4	SUGESTÕES PARA ESCOLAS.....	46
5	ESTUDO DE CASO.....	49
5.1	O Estudo de caso	49
5.2	Sobre a escola	50
5.3	Outros aspectos da Escola	67
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	74
	REFERÊNCIAS	75
	APÊNDICE A - MITOS SOBRE A TECNOLOGIA E SEUS EFEITOS NA EXISTÊNCIA	79

1 MEMORIAL

“Muitas pessoas devem a grandeza de suas vidas aos problemas que tiveram que vencer”.

Robert Baden-Powell

Os problemas que enfrentei, ao ingressar no mestrado, foram enormes. Minha base de formação foi tecnológica e matemática. Trabalho com números e lógica concisa desde os treze anos de idade e só comecei a ler sobre educação e filosofia no mestrado, até então, minha leitura era voltada para termos técnicos e literatura religiosa, porém, este tipo de leitura é muito diferente das leituras que agora tenho contato.

Por isso, humildemente, não espere ver aqui o mais rigoroso texto, ou um brilhante trabalho bem escrito, mas espere alguns conhecimentos preciosos ainda em estado bruto, a lapidação hora inicia mas o tempo já era chegado para apresentação.

Este texto, está muito longe de ser aquele que almejei e sofri por imaginar que não conseguiria escrever. Entretanto, quando vejo de onde saí, ou melhor, como cheguei ao mestrado, relendo as primeiras páginas que escrevi e vejo este texto, sinto que venci. Não porque seja bom, mas sim porque evolui muito e me enxergo no caminho desta evolução.

Alguém poderá encontrar muitos defeitos, mas também encontrará muito amor, dedicação, boa vontade e o principal, conhecimentos que podem transformar as práticas nas escolas, baseados em muito estudo e em vivência como professor de informática desde 1.993 e formação de professores nas escolas desde 2009. Além disso tudo, resolvi mudar o projeto e consegui fazer o que está aqui materializado em apenas um semestre, concomitante a minha outra vida acadêmica, profissional e pessoal. Então vou me apresentar.

Sou especialista em Tecnologias Digitais e Inovação na Educação, graduado em Computação pelo Instituto Federal Triângulo Mineiro (IFTM), mestrando no Programa de Mestrado Profissional em Educação – Formação Docente para a Educação Básica, Universidade de Uberaba (UNIUBE), graduando em Licenciatura

em Matemática (IFTM) e ainda matriculado e ativo no curso técnico de instrumentos musicais (Saxofone e Piano) pelo Conservatório Estadual de Música.

Atualmente, sou servidor público lotado na Universidade Federal de Uberlândia (UFU), prestando serviços ao Cartório Eleitoral de Ituiutaba (TRE-MG), tesoureiro nas Obras Sociais Bezerra de Menezes (instituição de longa permanência para idosos), professor de Matemática e Informática (designado pela rede estadual), tutor presencial IMEPAC – Análise Desenvolvimento de Sistemas, professor de Tecnologias e Liderança Comunitária (projetos-extensionistas da UFU) e conselheiro fiscal SICOOB CRED UFU e Grupo Escoteiro Padre Anchieta, além de construtor pró-tempore da casa própria desde junho 2017, neste momento, junho de 2018, ainda está em fase de acabamento.

Como podemos perceber, minha vida acadêmica e profissional é bastante movimentada. Como aluno, concomitante ao mestrado, estou cursando matemática e técnico em instrumentos musicais. Na vida profissional acumulo sete ocupações além da construção da casa própria. Na vida pessoal sou pai de três crianças e dedico majoritariamente tempo para conviver com elas e como voluntário num grupo religioso todas as quartas-feiras no período da tarde e à noite.

As atividades da vida pessoal têm prioridade sobre todas as outras. Deixo qualquer compromisso, para dedicar ao meu projeto principal, minha vida, minha família, minha construção como ser humano. Constantemente não consigo fazer o melhor nos afazeres, mas nunca deixei nada sem concluir. Como consigo fazer tudo isso, não sei, mas quando penso sobre tantas tarefas vejo que não tenho tempo para televisão, redes sociais, passeios e algumas festinhas e encontros familiares ou de amigos.

Chego a acreditar que o tempo que gasto com tantas atividades que desenvolvo seria o mesmo tempo que dispensaria para estas outras coisas que prendem tanto a atenção, apesar de não darmos conta, o tempo gasto com celular, navegação recreativa na internet, programas de tevê e passeios, apesar de necessários para suavizar nossa jornada terrena, é muito grande.

Na formação acadêmica, como aluno de computação, fui tomado pelo sentimento comum de apenas conquistar o diploma, até chegar o momento do estágio. O estágio foi um divisor de águas. Ter contato com as escolas, suas

necessidades, sua precariedade de qualificação, laboratórios de informática sem uso ou mal utilizados, tanto potencial desperdiçado... No início foi um choque, pensei em mudar esta realidade, mas foi no decorrer do estágio que a mudança aconteceu.

A possibilidade de levar a informática a crianças carentes no bairro mais pobre da cidade de Ituiutaba foi um significado muito grande para mim, especialmente porque consegui alguns feitos importantes, por exemplo: uma criança de nove anos que não sabia ler, contribui para mudar este quadro e em menos de três meses a professora do AEE me procurou, para saber o que havia feito. Crianças, vítimas de violências domésticas e até de abusos, esperando o momento da aula, em razão do “tio” ser muito legal, foram fatos que marcaram. Naquele instante, quis ser professor inserido no contexto escolar, pois professor de informática eu já era há mais de 20 anos.

Infelizmente, só fiz estágio no último ano de graduação, perdi muito tempo e oportunidade em estudar as matérias pedagógicas. Esse sentimento de culpa me levou a ingressar na especialização: “Novas Tecnologias para Educação”, com intuito de aprender um pouco mais sobre didática e participar de matérias pedagógicas, mas o curso só trouxe o que eu já sabia (novas tecnologias), pois foi desenhado para professores em busca de descobrir novas ferramentas tecnológicas. Continuei como voluntário nas escolas, aliás, nos laboratórios de informática dentro das escolas. Comecei a ministrar alguns projetos de capacitação na Superintendência de Estado da Educação em 2009. Eram cursos de tecnologias para os professores da rede.

Ensinava desde o ligar o computador, impressoras e *data-show*, até o uso de celulares e aplicativos úteis na educação, até que um dia, em um encontro com uma professora da UFU em 2015, colega de trabalho, me sugeriu que continuasse aquele trabalho. Ela disse que os cursos que oferecia aos professores haviam muita procura e por isso deveria fazer um curso de Mestrado e deixar por escrito aquelas experiências, para serem utilizadas por outras pessoas.

Fiz o processo seletivo e consegui chegar ao Programa de Mestrado Profissional da Universidade de Uberaba. No início, pensei que fosse escrever sobre o que eu fazia, aulas, programas, exercícios etc., porém, no decorrer do programa, senti-me resgatado e até fisgado por algo maior: **estudar e refletir**. Cheguei sem conhecer os principais teóricos da educação, inclusive Paulo Freire. Comecei a ler

sobre tudo que anotava em aula, mas leituras superficiais. Fui cada vez conseguindo um maior envolvimento, até que, há pouco mais de seis meses mudei meu projeto de pesquisa pois a educação me transformou. Pelo próprio Paulo Freire: “nas condições de verdadeira aprendizagem os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinado, ao lado do educador, igualmente sujeito do processo” (FREIRE, 2016, p. 13), reflete o que que passou comigo. O programa de mestrado calou fundo meus pensamentos e me reconstruiu, ao ponto de sair da frieza, concisão e exatidão dos cálculos para as abstrações das reflexões da filosofia e fenômenos comportamentais.

Recomecei o trabalho de mestrado em setembro de 2017 e também meus pensamentos sobre o mundo da Filosofia. Estas reflexões levaram-me a acreditar que encontrei a razão de ser professor. Quero auxiliar pessoas, adolescentes, jovens e adultos, a conquistarem sua autonomia e por isso esforço, para estar sempre disponível nos mais diferentes ambientes e assim tentar conduzir as pessoas por caminhos diferentes. Lembrando-me de Paulo Freire:

Assim como não posso ser professor sem me achar capacitado para ensinar certo e bem os conteúdos de minha disciplina não posso, por outro lado, reduzir minha prática docente ao puro ensino daqueles conteúdos. Esse é um momento apenas de minha atividade pedagógica. Tão importante quanto ele, o ensino dos conteúdos, é o meu testemunho ético ao ensiná-los. É a decência com que o faço. É preparação científica revelada sem arrogância, pelo contrário, com humildade. É o respeito jamais negado ao educando, a seu saber de “experiência feita” que busco superar com ele. Tão importante quanto o ensino dos conteúdos é minha coerência na classe. A coerência entre o que digo, o que escrevo e o que faço. (FREIRE, 1996, p. 40)

Paulo Freire resume este sentimento: ser professor está além de me capacitar em Informática e Matemática; é ser aquele que sou. Meus exemplos ensinam mais que minhas palavras. O testemunho vivo de meu esforço, dedicação e paixão em minha prática, falam mais que minhas palavras. Este mundo precisa melhorar e isso só será possível por meio da educação. Ser professor é auxiliar outras pessoas a conquistarem sua própria autonomia. Por isso, estou sempre em formação nas diversas ocupações que mantenho, buscando todas as oportunidades de qualificação e aprendizagem. Procuo ficar sempre disponível nos vários ambientes em que me envolvo e lendo Paulo Freire descobri que havia um sentido nisto:

Minha presença de professor, que não pode passar despercebida dos alunos na classe e na escola, é uma presença em si política. Enquanto presença não posso ser uma omissão mas um sujeito de opções. Devo revelar aos alunos a minha capacidade de analisar, de comparar, de avaliar, de decidir, de optar, de romper. Minha capacidade de fazer justiça, de não falhar à verdade. Ético, por isso mesmo, tem que ser o meu testemunho. (FREIRE, 1996, p. 38)

Quero estar envolvido, de diversas formas e espaços, participando do presente daqueles que aprendem para o futuro. Minha voz em sala de aula, cercada por alunos que me conhecem e reconhecem quem sou, tem peso e importância. Enquanto nada valeria, gritar aos ventos, quando alguém joga lixo na rua, na sala de aula, minha voz tem maior valor. **Devo ser a mudança que eu quero no mundo.** Para ser esta mudança, devo apresentar-me ao trabalho.

2 INTRODUÇÃO

Essa dissertação resulta de uma pesquisa bibliográfica, no modelo de estudo de caso e com enfoque qualitativo. Parte significativa de seu constructo teórico deriva de Husserl (2006), e seus estudos sobre a fenomenologia; de Heidegger (2016), que desenvolve uma vertente dentro da fenomenologia de Husserl, denominada de fenomenologia existencial; de Gadamer (2007) e de Ricoeur (1978), autores que compõem junto com Heidegger o núcleo duro de pensamentos e produções dentro da fenomenologia existencial. Ainda estão incluídos, Schwab (2017) fundador do Fórum de Davos, visionário sobre o futuro da tecnologia e Carr (2018) pesquisador e escritor sobre comportamentos sociais derivados do uso das tecnologias.

A tecnologia, ao facilitar a vida humana em sua busca de superação, ameaça frequentemente a natureza. Esses efeitos, positivos ou negativos, dependem da intencionalidade humana. Por essas razões, dar à tecnologia a dimensão construtiva de que ela se constitui, é uma tarefa importante, cuja incumbência, em grande parte cabe à educação.

A escola de Ensino Fundamental no Brasil, diante de tanta tecnologia disponível, ainda resiste a utilizá-la como sua aliada. Desde o machado de pedra, feito *homo sapiens*, a tecnologia melhorou suas condições de vida. O abandono da vida nômade, possível, porque os ancestrais puderam cultivar a terra e construir cabanas, assentou a família e os grupos sociais. A descoberta do fogo e a invenção da roda, tudo isso foi resultado da tecnologia.

O Mestrado Profissional oferece uma abertura ímpar, teórica e profissional, para novas concepções teóricas e modelos aplicáveis à *educação básica*. Por ser um tempo difícil de maturação de escolhas pessoais, o adolescente atual vê-se diante de um cenário peculiar: optar por uma futura profissão, desenvolver alguns valores pessoais e sociais, assim como consolidar a própria identidade, em uma sociedade muito complexa. Nesse sentido, a filosofia pode ser oportuna com suas perguntas e críticas pontuais; ela auxilia, esclarecendo o caminho e a caminhada, que é a conquista da autonomia.

Conciliar a engenharia da informação com a filosofia, mais especificamente, com a fenomenologia existencial, pareceu uma possibilidade distante, mas tornou-se

um desafio viável no horizonte. Entre o raciocínio lógico, o pensamento valorativo e a reflexão, trilhou-se o caminho da crítica sobre o papel da tecnologia na educação escolar. Da parte da filosofia, foi escolhido Martin Heidegger com a fenomenologia existencial, a fazer coro com essa sinfonia de notas dissonantes, que é a sociedade moderna. O ser-humano corre o sério risco de ser tragado pela tecnologia, enquanto constrói sua existência no mundo.

Harari (2016) mostra que o *homo sapiens* dominou a natureza, flora e animais, mas não disciplinou seus próprios limites e possibilidades. Enquanto ele lidou com o mundo propriamente dito, o ser-humano modificou o mesmo, dominando as espécies orgânicas e minerais, mas agora o risco está em ele estar investindo sobre si mesmo. A engenharia genética permite que ele altere a si mesmo.

Schwab (2017), o criador do Fórum Mundial de Davos, afirma que a tecnologia está pronta para criar células artificiais, as quais se associadas às impressoras 3D, propiciarão a fabricação de órgãos para o corpo. E aí pergunta-se: inclusive o cérebro? Por ser livre e movido pela vontade do poder, como dizia Nietzsche (1988), o equilíbrio da vida estará em risco.

Apesar de algumas ações políticas estranhas, especialmente pela sua relação com o nazismo, Martin Heidegger deixou um grande legado à filosofia contemporânea. Seus textos estão acima dos erros que possa ter cometido. Tudo poderia ter sido diferente, mas não foi.

Na primeira parte dessa dissertação, discute-se a temática da fenomenologia, procurando mostrar que as questões, aventadas por Edmund Husserl, ganharam proporções maiores, porque o chamado “existencialismo” entrou em cena. Martin Heidegger, Maurice Merleau-Ponty, Jean-Paul Sartre, Paul Ricoeur, entre outros, enriqueceram e avançaram as questões propostas originalmente por Edmund Husserl.

Na segunda parte, utiliza-se a ontologia heideggeriana, dando relevo a *Dasein*, ou seja, àquele que é o atribuidor de sentido no mundo. Martin Heidegger, ao colocar a existência antes da essência de *Dasein*, mostra que este pode se distanciar de sua identidade, ao se envolver em questões que o distanciam de si mesmo. A tecnologia pode ser uma delas, se ela se tornar absoluta. Ao redor dela, surgem mitos e *fake news*.

Na terceira, descreve-se o processo pedagógico da aproximação e utilização da tecnologia por parte de professores em três escolas públicas de Ituiutaba, que são as escolas onde o autor trabalha. O fato de uma escola adquirir computadores e instalá-los não garante o envolvimento dos docentes com os mesmos. Pelo contrário, se não forem preparados paulatinamente, não perseverarão, pois os hábitos antigos voltam.

Na quarta, observações e reflexões são construídas a partir de vivências no contexto de escolas. Nesse sentido, a escolha de Martin Heidegger foi apropriada, pois ele diz que a tecnologia, para fazer diferença na existência de *Dasein*, precisa ser conhecida, antes de ser apropriada e utilizada. A longo de sua evolução, o *homo sapiens* fez de sua vestimenta, uma parte essencial de sua pele. Somente assim, a tecnologia transforma-se em elemento da existência.

Por fim, na quinta seção, um estudo de caso é apresentado. O caso é único e exploratório. De novo, Heidegger (2016) torna-se luz que pode iluminar *Dasein*, enquanto ele se existencializa. A tecnologia, para ser existencial, deve entrar na cotidianidade de *Dasein* sem estranhamento.

Esses textos diferem entre si, enquanto exercem funções sociais diferentes. Um é heideggeriano e se mantém na linha da ontologia, fundamentando o conjunto teórico; outros descritivos e reflexivos, mantendo-se no nível do concreto da escola. Uma síntese? Não. Talvez uma aproximação necessária. A filosofia melhora a capacidade daseiniana de revelar a **aletheia**, ou a verdade, que está sempre encoberta no mundo.

Avanços tão rápidos da tecnologia na sociedade e na vida escolar podem não ter propiciado o tempo necessário, para avaliar o papel que esta deve desempenhar, ou ainda, fazer algumas arguições sobre seu uso.

3 CONTEXTUALIZANDO A FENOMENOLOGIA

“A Filosofia não é útil nem prática e com ela nada poderemos fazer (...) no entanto não será ela que faz alguma coisa conosco?”

(HEIDEGGER, 1969)

A Fenomenologia é uma corrente filosófica e uma metodologia, nascidas no século XX. Esta corrente filosófica tem sido uma das principais responsáveis por uma nova abordagem do ser humano e suas relações com o mundo, inaugurando, desta forma, uma nova era para a interpretação do indivíduo e para a psicologia. O termo fenomenologia advém de fenômenos da consciência, ou aquilo que se mostra ou que se apresenta em estado de consciência humana. Todas as nossas relações com o mundo dão-se por estes fenômenos, ou seja, a relação do homem com outra coisa qualquer, seja esta coisa abstrata ou concreta.

Para Gallo (2013) o método fenomenológico influenciou diversos filósofos do século XX e recebeu grande influência de Franz Brentano¹ (1838-1917) na Universidade de Viena. Ainda segundo o autor:

Fenomenologia, uma forma de analisar a realidade baseada nas impressões que um fenômeno provoca em cada indivíduo. Esse método foi criado por Edmundo Husserl que com ele procurava desvendar a essência das coisas e dos seres. (GALLO, 2013, P. 74).

A fenomenologia tem sido lembrada, como fundamento filosófico em trabalhos na área da educação (MARTINS, 1984). Nem sempre, porém, é a leitura dos textos originais de Edmund Husserl, Martin Heidegger, Jean-Paul Sartre,

¹ Franz Clemens Honoratus Hermann Brentano (Marienberg am Rhein, 16 de Janeiro de 1838 — Zurique, 17 de Março de 1917) foi um filósofo alemão. (...) lecionou em Würzburgo e na Universidade de Viena. Em 1864 foi ordenado padre, mas envolvendo-se em controvérsias sobre a doutrina da infalibilidade papal, abandonou a Igreja em 1873. Morreu em 1917, deixando uma obra volumosa. Sua filosofia evoluiu em direção de um aristotelismo moderno, nitidamente empírico em seus métodos e princípios. Os trabalhos mais importantes de Brentano são no campo da psicologia, por ele definida como ciência dos fenômenos psíquicos (ou, o que para ele é sinônimo, da consciência). Os objetos de seus estudos não foram, porém, os estados, mas sim os atos e processos psíquicos. Segundo Brentano, o fenômeno psíquico distingue-se dos demais por sua propriedade de referir-se a um objeto, bem como a um conteúdo de consciência, através de mecanismos puramente mentais. À psicologia caberia, então, estudar as diversas maneiras pelas quais a consciência institui suas relações para com os objetos existentes nela mesma, descrever a natureza desta relação, bem como o modo de existência deste objeto. (fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Franz_Brentano acesso em: 16/06/2018)

Maurice Merleau-Ponty e de Paul Ricouer, o núcleo duro da fenomenologia, que inspira esses exercícios interteóricos.

A fenomenologia existencial, partilhada por Heidegger (2015), Sartre (2012), Merleau-Ponty (2000) e Ricouer (1978) parece mais adequada para as questões da educação. Mas aí já não é mais a fenomenologia husserliana, mas sim a existencial. Nem sempre, entretanto, essa questão fica clara e explicada. As preocupações de Edmund Husserl eram outras, isto é, ele era um cartesiano à procura da compreensão sobre a formação e a constituição lógica da esfera conceitual da mente.

A partir de 1916, Edmund Husserl tornou-se professor titular de filosofia da Universidade de Freiburg no sul da Alemanha. Hoje, Freiburg tem uma população de aproximadamente 223.625 habitantes e está cravada na Floresta Negra, região misteriosa da Alemanha (SAFRANSKI, 2005). A paisagem e a arquitetura antiga são convites à reflexão. No meio da cidade, flui um estreito córrego, com seu leito calçado, à margem do qual, assentam-se jovens estudantes, conversando, cantando ou contemplando a paisagem, durante os intervalos escolares.

Nessa cidade, Edmund Husserl explicitou a teoria da fenomenologia, uma corrente filosófica, surgida no primeiro quarto do século passado. Foram contemporâneas da fenomenologia, a linguística, a antropologia e a psicanálise. O ambiente era de renovação do pensamento e do modo de pensar. Ele era um matemático, preocupado com o método na filosofia. Sua grande preocupação era descrever o processo de formação das ideias.

Para examinar a natureza da ideia (*eidós*), Edmund Husserl, um acadêmico da matemática, aproximou-se de Franz Brentano, renomado psicólogo na Alemanha. Ele chegou a assistir algumas aulas de Franz Brentano, mas desistiu, porque percebeu que não era aquele o rumo que queria tomar. A diferença entre os dois estava no seguinte fato: enquanto Franz Brentano incorporava a questão do afeto e da emoção em sua procura da constituição da mente, Edmund Husserl privilegiava a ideia e o lado lógico do pensamento, pouco incomodando com os afetos e emoções.

Em 1918, Martin Heidegger tornou-se professor agregado a Edmund Husserl na Universidade de Freiburg. Sua função era conduzir as aulas de fenomenologia no

curso de filosofia. Tudo parecia seguir a trilha delineada, mas o primeiro começou a divergir do segundo, sem que houvesse algum entendimento prévio para tal.

No livro, considerado a mais importante biografia de Martin Heidegger, Safransky (2005) relata que Heidegger nasceu na cidade de Messkirch, interior da Alemanha, aos 26 dias de setembro de 1889. Seu pai, Friedrich Heidegger, era tanoeiro, e sacristão, zelador de objetos sacros na cidade de Messkirch, sudoeste da Alemanha, um pequeno município da região conhecida como Floresta Negra. Além de ser seu berço, a cabana era seu local de estudo e meditação. Martin Heidegger utilizou-a durante sua vida, inclusive foi seu refúgio, local de estudo, meditação e escrita de sua principal obra, traduzida para português com o título "Ser e Tempo".

Em 1926, para se tornar professor titular na Universidade de Freiburg, Martin Heidegger escreveu "Ser e Tempo", uma obra que deveria ser mais complexa que aquela que veio a lume. Originalmente, essa obra deveria ser composta de duas partes, mas só a primeira foi realizada. O entusiasmo inicial deu lugar a muitas dúvidas.

3.1 A FENOMENOLOGIA EXISTENCIAL

A filosofia nos remete a entender o sentido da existência. Originalmente todas as pessoas nascem com a natureza humana, óbvio, pois somos humanos. Ao longo da vida sofremos e imprimimos mudanças em nós mesmo. Mudamos comportamentos, valores e principalmente mudamos nossos atos ou o nosso fazer. Essas mudanças ocorrem, à medida que estamos vivendo. O simples fato de estarmos vivos nos coloca em relação com outras pessoas, fatos, conflitos e sentimentos dos mais diversos, e os sentimentos gerados destas relações chamamos de fenômenos, como visto anteriormente, e as mudanças que ocorrem em nós é devido a existência. Existir é conflitar constantemente e os resultados que estes conflitos produzem em nossa forma de ser, na forma de agir, é dado pela existência.

Os filósofos existencialistas tiraram o foco da essência humana, pois acreditam que não somos iguais por essência e que todos os humanos não são

essencialmente iguais na forma de agir. As pessoas agem de forma diferente, pois foram moldadas pela existência. A essência sai do foco, dando lugar à existência. As experiências e sentimentos (fenômenos) moldam o Ser, no momento em que vai vivendo (existindo). Nesse sentido, a existência precede à essência.

Para Gallo (2013, p. 73), o século XX assumiu novas perspectivas para o pensamento humano com as concepções do filósofo Martin Heidegger. Estavam numa época marcada pelo cenário vivido de duas guerras mundiais. A filosofia procurando novos caminhos para entender a humanidade, inclusive novos representantes, com isso, as ideias desenvolvidas a partir do enfoque na vida humana emergem dois grandes pensadores na corrente existencialista.

Um dos representantes desse pensamento foi o filósofo Martin Heidegger. Ele distingue o **ser** do **ente**. Para Heidegger um ente é tudo o que existe – uma mesa, um livro, um cão, um homem; ser é aquele que tem a faculdade de questionar sobre si mesmo, isto é, o ser humano. (GALLO, 2013, p. 74)

A publicação do livro "Ser e Tempo", em 1927, popularizou-o, sendo seu texto lido por pessoas de diferentes níveis e classes sociais. Para Martin Heidegger, a metafísica clássica havia perdido o foco do Ser, para concentrar-se no foco do Ente. Esse erro de pergunta custou-lhe a razão de não ser mais a disciplina básica da filosofia. O Ser, nos textos de Aristóteles, pertence à ontologia, ou à ciência do Ser. Levado para a biblioteca de Alexandria, o livro de ontologia ficou colocado depois do livro da Física; por essa razão, ele se tornou o livro depois da física, isto é a metafísica. Em "Ser e Tempo", Martin Heidegger afirma:

A fenomenologia é o modo de acesso ao que deve se tornar um tema da ontologia por determinação demonstrativa. A ontologia só é possível como fenomenológica. O conceito fenomenológico de fenômeno designa, como o que se mostra, o ser do ente, seu sentido, suas modificações e derivados. E o mostrar-se não é um mostrar-se qualquer, nem também algo assim como o que aparece. O ser do ente é o que menos pode ser concebido como algo, "atrás" do qual, ainda haveria algo que "não aparece." Atrás do fenômeno da ontologia não há nada mais, embora seja possível que esteja oculto o que deve se tornar um fenômeno. (HEIDEGGER, 2015, p. 123).

De sua parte, não houve um abandono completo das preocupações husserlianas. Na verdade, Ser e tempo é uma nova aplicação da ideia da fenomenologia. Mais que isso, a própria ideia de Ser já não é de Ente. O Ser passa a ser o sentido da ideia, pois é por ele que vemos o mundo. Mais tarde, Martin Heidegger chegará a dizer que a palavra é morada do Ser (HEIDEGGER, 2016).

Em 1928, ele foi nomeado e assumiu em Freiburg a sucessão da "cadeira acadêmica" de Husserl. Em 1933, foi eleito reitor da Universidade de Freiburg, porém, destituído no ano seguinte, devido a desentendimentos com autoridades governamentais. Inicia-se ali uma fase marcada por adoração e críticas ao nacional-socialismo (de Hitler), ao mesmo tempo que suas conferências são requisitadas em várias cidades.

Em 1946, foi proibido pelo governo de ensinar. Estava com dois baús de ferro, contendo mais de cem volumes de manuscritos, os quais procurou salvar em uma gruta do Alto Danúbio, apenas reiniciando as aulas em 1952 com agressiva produção intelectual. Faleceu em Freiburg, aos 26 de maio de 1976, com as gavetas ainda abarrotadas de escritos inéditos que foram publicados a partir de 1978, iniciando uma nova, inédita e póstuma, fase (a terceira²) sobre o pensamento heideggeriano, o qual inaugura o que conhecemos como "a era Heidegger" (STEIN, 2011, p. 27).

Para Martin Heidegger, a *epoqué*³, um conceito importante do pensamento fenomenológico, era o ponto de partida, porém, no restante, ele tomava outro rumo. Esse conceito, Edmundo Husserl foi buscá-lo em Descartes (*apud* OWENS, 2011). Aquele que pergunta é *Dasein*⁴, ou seja, o único capaz de perguntar e de buscar respostas sobre o mundo. Em alemão, o termo *Dasein* é uma composição de "da" (aí) e "sein" (ser). Em outros termos, *Dasein* é o Ser que tem um lugar no mundo e sabe disso. Ele é aquele que dá nome e sentido aos objetos e fatos do mundo. A *Weltlichkeit der Welt* (a mundanidade do mundo) é uma construção de *Dasein*. É a voz humana que dá som para os nomes que nomeiam os objetos e fatos do mundo.

² Segundo Nunes (2010) a primeira fase até 1946 corresponde a irradiação de "Ser e Tempo". A segunda fase torna-se pública após 1946 na carta "Sobre o Humanismo", quando Heidegger foi afastado do ensino.

³ - "*Epoqué*", um termo grego, na fenomenologia, e refere-se ao ato de colocar entre parênteses, durante a reflexão filosófica, tudo aquilo que interfira no pensamento, enquanto é realizada a busca da compreensão da "ideia".

⁴ - *Dasein* é um termo utilizado por Martin Heidegger em "Ser e Tempo", para designar ontologicamente aquele que atribui sentido ao mundo, ou o Ser a tudo que existe. No fundo, essa designação refere-se ao ser-humano. Porém "Ser e Tempo", uma obra ontológica, recusa-se a trocar *Dasein* por Ser-humano. No meio da filosofia, sobretudo heideggeriana, *Dasein* não o ser-humano. *Dasein* é a forma principal do ser-humano lidar com o mundo, isto é, dando-lhe nomes e significado. O Ser é o sentido do Ente. O sentido está ligado à função de cada coisa no mundo.

A característica predominante de *Dasein* é conviver com *Sorge* (preocupação). Ele está sempre pré-ocupado e angustiado com a morte (*der Tod*) e com a liberdade (*Freiheit*). *Dasein* está condenado a ser livre, como afirma Sartre (2015). Ele não escolhe sua genética, sua família-base, sua língua materna, seu país, pois tudo isso lhe é dado antecipadamente. *Dasein* é atirado no mundo e quando ele se percebe, enquanto tal, sua existência já está em pleno curso.

Heidegger (2016), nesse perguntar, descarta a metafísica antiga, pois ela não pergunta sobre o Ser, mas sim sobre o Ente. O Ser, segundo ele, é a pergunta mais primitiva e ela se refere ao sentido dos objetos e fatos do mundo. Já o Ente, enquanto tal, deveria ser objeto de pergunta das outras ciências.

Nesse perguntar sobre quem lança a pergunta, no caso, *Dasein*, Martin Heidegger afirma que *Dasein* não é conduzido pela essência (*Wesenheit*), tal como acontece, por exemplo, com os animais. Um urso não divergirá de sua raça, sendo por isso mesmo urso até sua morte. Em vez, *Dasein* tem à sua frente, não a sua essência, mas sim sua existência. Existindo, ele se constrói, pois é a labuta que o muscula para a vida em sociedade. Como tal, ele é um projeto aberto, à procura de própria definição. *Dasein* pode ser adjetivado: bom, ruim, medíocre, genial, preguiçoso, laborioso, orgulhoso, entre outros tantos adjetivos possíveis.

Dasein pode escolher e por ser um projeto aberto, com a existência, marcando suas decisões. Ele recai na cultura, como forma de se completar ou de se perder de uma vez. Enquanto existe, constituindo assim sua essência, *Dasein* corre o risco de se perder ao longo do caminho trilhado.

3.2 - OS EXISTENCIÁRIOS EM “SER E TEMPO

Heidegger (2016), além da categoria “existencial”, aponta o “existenciário”, ou seja, um subproduto da existência, capaz de desviar *Dasein* de seu percurso. Ele enumera três perigos: em alemão “das *Gerede*” (conversa fiada), “die *Neugierigkeit*” (a curiosidade) e “die *Zweideutigkeit*” (a ambiguidade).

A conversa fiada, hoje *fake news*, fator presente nas redes sociais, capazes de ocupar pessoas em conversas inúteis e irresponsáveis, encaixa bem nos perigos

da vida social moderna. A conversa sem sujeito responsável ocupa pessoas por horas a fio na atualidade. Perde-se assim a vida, fugindo do sentido que é viver.

Nesse rol de perigos existenciários⁵, Martin Heidegger enfatiza, por um lado, a curiosidade, como sendo um dos maiores perigos na existência. Seria difícil dele discordar que a droga pode arrastar milhares de pessoas por meio da curiosidade. No começo, ela soa como uma experiência ou uma aventura; depois ela assume a rédea da existência, deixando de ser uma mera curiosidade, para tornar-se uma ditadora da vida pessoal e social.

Por outro lado, há a ambiguidade, capaz de dividir *Dasein* ao meio. A existência, quando envolvida no meio que transgrede, causa desvios na constituição da essência de *Dasein*. Hoje, por exemplo, a sociedade vive a ambiguidade da justiça e da política. Quem está certo: os lavajatianos ou os políticos? Já não se tem certeza mais do que seja a verdade. Na atualidade, a senda do crime e da corrupção levam o cidadão a não acreditar mais até mesmo nos fatos mais simples (EL PAIS, 2018).

Caso exemplar dos efeitos nocivos da tecnologia é o *Facebook*. Um instrumento importante dentro do conjunto das redes sociais, tudo indica que foi utilizado para outros fins em campanha eleitoral. Nesse sentido, a tecnologia, a qual pode produzir efeitos bons ou ruins, tornou-se um elemento de traição da intersubjetividade. As pessoas foram usadas para fins que nunca imaginavam.

Os existenciários de “Ser e Tempo” antecipam os perigos da alienação, não a partir de acontecimentos, mas sim a partir de uma análise profunda da natureza humana. *Dasein* pode sempre perder-se de si mesmo, porque ele é curioso e é preguiçoso diante da ambiguidade.

A relação enobrecedora do fazer técnico ante a desvalorização da tradição humanística, ou o contrário, mostra o quanto valorizamos a tradição e resistimos a técnica. Por exemplo, na reação estressada das pessoas, ao serem atendidas por máquinas, quando ligam aos tele-atendimentos, operados por telefonia, bancos e financeiras, ou grandes empresas é uma prova. A opção desejada não escapa,

⁵ - Heidegger distingue existencial de existenciário. Para ele, o primeiro termo refere-se à teoria filosófica do Ser; já o segundo refere-se ao entendimento que temos de nós mesmos e da vida, sem utilizarmos de uma teoria propriamente dita.

demora; enfim, é confuso o atendimento, enquanto a ligação é transferida. A voz dissolve nos fios da ligação, enquanto o tempo passa.

As pessoas querem que o atendimento volte ao natural, o atendimento humano, porém esta é uma resistência frustrada, já que é impossível conter o avanço desenfreado que a técnica moderna vem impondo irresistivelmente sobre o mundo, não só pelo fascínio que desperta, mas também pela redução de custos e maior produtividade que as empresas exigem.

Em razão disso, esse esforço de domar a tecnologia deve ser efetivado por outros meios, pois o avanço tecnológico não será interrompido. Ele produz riquezas e empregos, fatores que pesam bastante na economia de qualquer país.

“A questão da técnica” em Heidegger foi proferida há mais de meio século e ainda repercute, pois a velocidade da informação é atordoante, a ponto de alguns textos com mais de dois anos na INTERNET já serem velhos. A técnica corre o risco de vencer o certame. Heidegger (2016) continua sendo uma voz que reverbera no horizonte da civilização.

3.3 O CÉREBRO E SUAS ADAPTAÇÕES AO MUNDO SOCIAL

O cérebro, o último reduto do corpo, a receber todas as atenções da ciência, é um desafio especial. Com seus 100.000.000 de neurônios, capazes de realizar 10.000 conexões cada uma. Suas possibilidades são aparentemente infinitas. Esse computador biológico é uma obra prima da biologia.

Capaz de guardar em seus arquivos, fatos, eventos e experiências, por curto, médio e longo prazo, o cérebro permitiu que o *homo sapiens* não cessasse de evoluir, a ponto de tornar-se uma ameaça para si mesmo. Mas a ameaça que se ameaça, pode cessar de ameaçar, se o ameaçado entender que é ele mesmo que ameaça. A auto ameaça não é uma fatalidade incontornável.

Dasein pode escolher a circunspeção, em razão do que deixará de estar sujeito às *fake news*, como tem estado. Redes sociais são conquistas que alargam a comunicação e intersubjetividade social. Entretanto, ser seletivo, ao acessá-las, é

uma decisão que compete a *Dasein*, aquele que dá o sentido ao mundo e aos fatos e eventos do mundo.

A circunspeção implica sempre em olhar atentamente à volta, de modo a poder melhor compreender aquilo que circunda. Como afirma o ditado popular, “nem tudo que reluz é ouro”. *Dasein* entende que o sentido de tudo que está sob sua circunspeção, nunca é límpido, mas sempre composto. Examinar as camadas de sentido, sobrepostas e justapostas, leva à reflexão permanente.

Enquanto circunspecta-se, *Dasein* convive com a ambiguidade. Estar, por exemplo, entre o bem e o mal é uma ameaça constante, pois o mal leva à violência, fato estrangulador da vida social. O crime tem um poder surpreendente de desorganizar a sociedade. A barbárie organizada é uma espécie de autoguerra, com a qual a sociedade atual convive.

Curioso como é, *Dasein* não teme inspecionar o seu entorno, mas o mais importante acontece, quando ele se inspeciona. Como um processo de conscientização, nesse caso, à educação compete a tarefa de levar *Dasein* a circunspectar-se como o Ser que tem a liberdade, por isso mesmo, tem um projeto aberto de existência. Dar parâmetros à liberdade e se apropriar dos conhecimentos conquistados pela civilização são desafios próprios da educação.

Por exemplo, escolher melhor é o maior dos desafios na atualidade. Os supermercados brasileiros registram uma mudança dos consumidores: eles têm comprado menos alimentos compostos de açúcar e derivados, pois a diabetes tornou-se uma constante ameaça à saúde pública. O estabelecimento de limites para a vida social é o grande desafio posto à educação.

3.4 FAKE NEWS, AMBIGUIDADE E CURIOSIDADE

Essa é uma área, na qual a curiosidade geral é grande, a ambiguidade permeia todos as camadas e as notícias falsas, *fake news*, dominam as redes sociais. Tamanha é a difusão de inveracidades que a verdade já não é preocupação na comunicação entre pessoas. E isso não é bom para a educação, pois o vale-tudo leva ao descrédito.

A grande preocupação dos educadores é que as notícias falsas muitas vezes agradam tanto que as pessoas preferem se apropriar delas e divulgá-las a encontrar a verdade. Algumas dessas *Fake News* têm impacto tão grande, como, por exemplo, se mais de 50% dos eleitores brasileiros votarem nulo, será automaticamente convocada novas eleições com outros candidatos. Ou então na recente greve dos caminhoneiros, mensagens sobre intervenção militar, com a suposta voz de altos cargos militares, conclamando em dias e horários específicos a população nas ruas de certas cidades com alguns dizeres específicos em faixas. Em plena crise do abastecimento de combustível, as pessoas atendiam essas mensagens e saíam às ruas das capitais com tais dizeres.

Para Heidegger um dos motivos de popularização destas *fake news* é a ambiguidade ou curiosidade, vivida pelo *Dasein* (ser daquele momento). O *Dasein* de um brasileiro está tão decepcionado com a política, ou a crise política que os brasileiros tem experienciado, que vive uma dualidade com a justiça. Um lado clama justiça dado a insatisfação com as atitudes dos políticos, outro lado (*fake news*) a notícia que uma intervenção militar forçosamente irá expulsar todos os políticos e conclamar novas eleições, sendo que os atuais terão seus direitos políticos caçados. Esta ambiguidade é tão presente que o sentimento de “justiça pelas próprias mãos” faz com que divulgue esta mensagem e até participe dos movimentos, não atentando a saber da verdade. A notícia chega como uma caixa de pandora para seu sentimento de justiça.

Outro exemplo: o governo do estado do Maranhão, em recente concurso público para contratação de professores, estado com baixa concorrência neste cargo, não desmentiu a mensagem que o Maranhão pagaria maiores salários para seus professores. Aqui também a ambiguidade vivida pela necessidade por demanda em concurso para estes cargos em contrapartida a desvalorização deste profissional no mercado com históricos baixos salários.

Ainda usando Heidegger, outro motivo para gerar e manter *fake news* é a curiosidade. Em 2015, um vídeo produzido sobre a preferência sexual de Jesus chocou a comunidade cristã e viralizou (termo utilizado para fenômenos de compartilhamento e visualização na internet) no mundo inteiro. O mesmo acontece com notícias verdadeiras, como as fotos do acidente do cantor sertanejo Cristiano

Araújo; pouco minutos após o acidente, as fotos foram visualizadas e compartilhadas por milhões de brasileiros e enviadas para os familiares do mesmo, inclusive pai e mãe, antes mesmo, da retirada do corpo do cantor do local do acidente. A curiosidade é tão grande que, apesar deste fato não ter sido falso, demonstra o poder de propagação que internet possibilita.

Recentemente, uma escola de Ituiutaba promoveu uma campanha financeira para arrecadação em prol de auxiliar no custeio da merenda escolar. A campanha era a venda de bilhetes para uma galinhada na própria escola, o intuito era auxiliar apenas nas recargas de gás de cozinha. Uma pessoa, supostamente trabalha na escola, para sensibilizar a venda de ingressos compartilhou uma mensagem apelando por ajuda, alegou que a escola estivesse muito mal. Devendo a fornecedores há mais de ano, não conseguia fornecer mais lanche a seus alunos; do mesmo modo, o fornecimento de energia elétrica estava comprometido e outras tolices.

O indivíduo não fez no sentido de denegrir. Usando dos conhecimentos adquiridos com Heidegger, foi uma ambiguidade, ele precisava de vender os ingressos e queria vender a maior quantidade possível e por outro lado, apelou para sentimento de solidariedade do indivíduo. Acontece que esta notícia, falsa, trouxe sérios problemas a escola. Alguns acordos de parceria da escola com empresa foram abalados e alguns pais procuraram a escola para transferirem seus filhos para outro local. Afinal, quem quer investir em empresa falida? *Fake news* possuem um poder tão grande. Não fosse a intervenção rápida da diretora da escola, poderia ter fechado ou levado a escola a sérios problemas.

Em 1927, entre a Primeira e Segunda Guerra Mundial, com a Alemanha ainda em ruínas, Martin Heidegger estava empenhado na criação de categorias conceituais, capazes de servir para a análise de seu tempo e do tempo por vir. *Fake News*, ambiguidades e curiosidades compõem o cenário, no qual a educação básica é encenada na atualidade. Alguns mitos sobre as tecnologias aplicadas à educação enquadram-se no espectro crítico de Martin Heidegger. Na sequência, veremos alguns mitos que tanto são repetidos e que quase viraram verdades e mudaram a prática de alguns profissionais.

4 TECNOLOGIA: UM ELEMENTO NA VIDA DE DOCENTES E ALUNOS

“Caminho para se conseguir a felicidade é fazendo as outras pessoas felizes.”

Robert Baden-Powell

Após quase dois anos de estudos e muitas reflexões concomitantes ao trabalho de professor em três escolas públicas, na cidade de Ituiutaba/MG, seria impossível dissociar a prática docente com as reflexões advindas do curso de mestrado. As comparações entre teoria e prática foram inevitáveis.

Heidegger (2016), ao falar do ser no tempo, antecipa a existência à essência de *Dasein*. Para ele, *Dasein* será o que ele fizer de si mesmo ao longo da existência. Esse mergulho na existência é um risco, a ser considerado. Mergulhado no seu aqui-e-agora, *Dasein* vive, alimentado pelas ideias, valores, aspirações e principalmente pelos pensamentos de seu entorno.

Nesse momento, um *Dasein* que sou, passo a refletir sobre minhas experiências pedagógicas como um atribuir de sentido às atividades educacionais em escolas públicas de Ituiutaba, Minas Gerais.

Durante o curso de mestrado, meu mundo girou em torno das reflexões teóricas construídas intersubjetivamente por meio de leituras, discussões teóricas e considerações sobre os problemas da educação atual. E sempre a prática parecia estar atrás da teoria. Estava sempre mergulhado na existência concreta da vida escolar, atormentada inclusive pelas tecnologias.

Esta dicotomia evidente entre teoria e prática provocou diversas reflexões, um choque na verdade, já que são quase opostas, a teoria da prática educacional. Uma oposição que se atrai como se fosse polarizada pelo positivo e pelo negativo na física. O presente relato apresentado é o choque produzido. As três escolas, objetos deste relato serão denominadas por: ESCOLA A, ESCOLA B e ESCOLA C; todas são escolas públicas

Para a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO, 2016), facultar o uso de computadores, tecnologia de informação e comunicação, são construções para o empoderamento das pessoas em todos os

caminhos da vida e ainda, no mundo digital, este é um direito humano fundamental pois promove a inclusão social em todas as nações.

A partir de 1997, inicialmente com o Programa Nacional de Tecnologia Educacional (PROINFO)⁶ e subsequentemente o PROINFO INTEGRADO, o governo tem viabilizado em várias escolas os laboratórios de informática e internet, além de cursos de capacitação para os docentes.

4.1 TECNOLOGIA E ESCOLA: EXPERIÊNCIAS PEDAGÓGICO-EXISTENCIAIS

Segundo Bielschowsky (2009), ações do Proinfo Integrado permitiram a instalação de laboratórios de informática em mais de 70 mil escolas públicas e ainda subsidiou ações como o Projetor Proinfo, um projetor integrado a um computador para ser levado a sala de aula e o Projeto Um Computador por Aluno (UCA), posteriormente lançou a segunda etapa do programa: Capacitação de Professores no uso de TICs na Educação divididos em curso de especialização 360 horas e curso de aperfeiçoamento de 180 horas e na terceira etapa do programa a oferta de cursos através da TV, Portal do Professor, Banco de Objetos Educacionais, DVD, programas que visam a produção destes conteúdos e pelo Domínio Público.

Uma excelente ferramenta é o Banco de Objetos Educacionais, disponível no seguinte endereço eletrônico *web*: “<http://objetoseducacionais2.mec.gov.br/>” Neste site, mantido pelo MEC, em consulta realizada dia 20/06/18 haviam 19.842 objetos educacionais disponíveis para uso em vários formatos de mídias e todos de domínio público. O site é bem amigável, como podemos ver na Figura 1.

⁶ **Programa Nacional de Tecnologia Educacional (ProInfo)** - É um programa educacional com o objetivo de promover o uso pedagógico da informática na rede pública de educação básica. O programa leva às escolas computadores, recursos digitais e conteúdos educacionais. Em contrapartida, estados, Distrito Federal e municípios devem garantir a estrutura adequada para receber os laboratórios e capacitar os educadores para uso das máquinas e tecnologias. (fonte: <http://portal.mec.gov.br/proinfo> acesso em 19/06/2018)

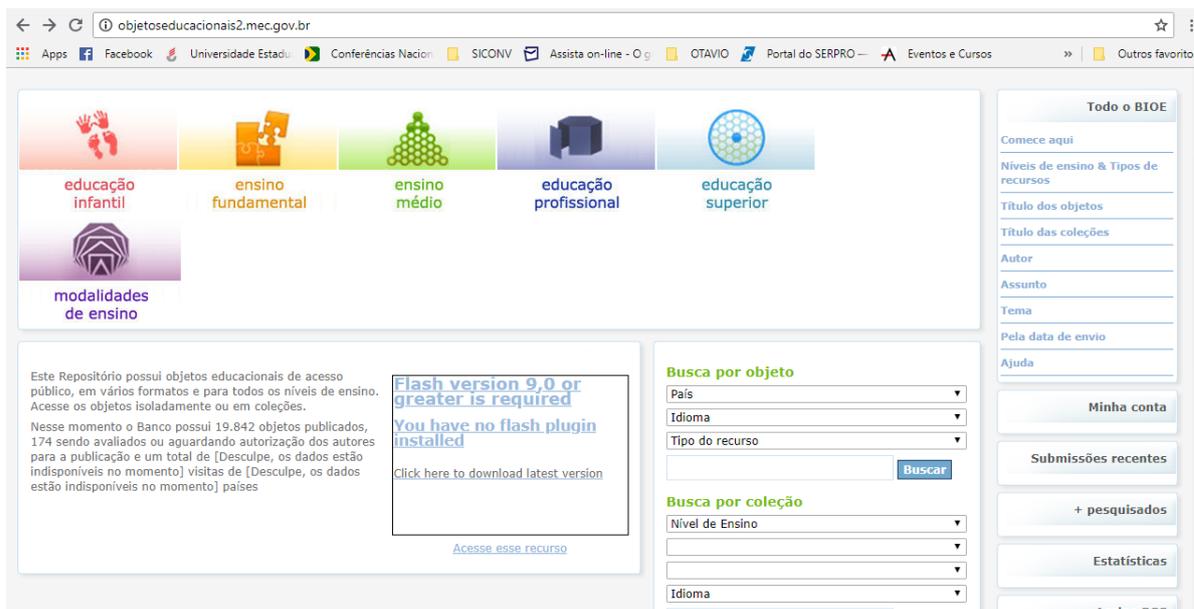


Figura 1: Site Objetos Educacionais. Fonte: <http://objetoseducacionais2.mec.gov.br/> acesso em 20/06/2018

Uma das funcionalidades do site, bem destacada na página principal, é a possibilidade de consulta por nível de escolaridade desejado: Educação Infantil; Ensino Fundamental; Ensino Médio; Educação Profissional; Educação Superior e Modalidades de Ensino (que na data consultada haviam duas: Educação de Jovens e Adultos e; Educação Escolar Indígena).

Outro destaque são as ferramentas de busca e de filtro que permitem localizar o repositório desejado por País, Idioma, Tipo de recurso (Animação/Simulação, Áudio, Experimento Prático, Hipertexto, Imagem, Mapa, Software Educacional, Vídeo), Coleções, Títulos, Autor, Assunto, Tema, Data de envio, e ainda, mais recentes e os mais pesquisados.

Ao realizar uma busca por nível de ensino: “Ensino Médio” e após filtrar por disciplina “Matemática”, encontramos 1.814 objetos disponíveis, em diversas categorias, como podemos ver na Figura 2:

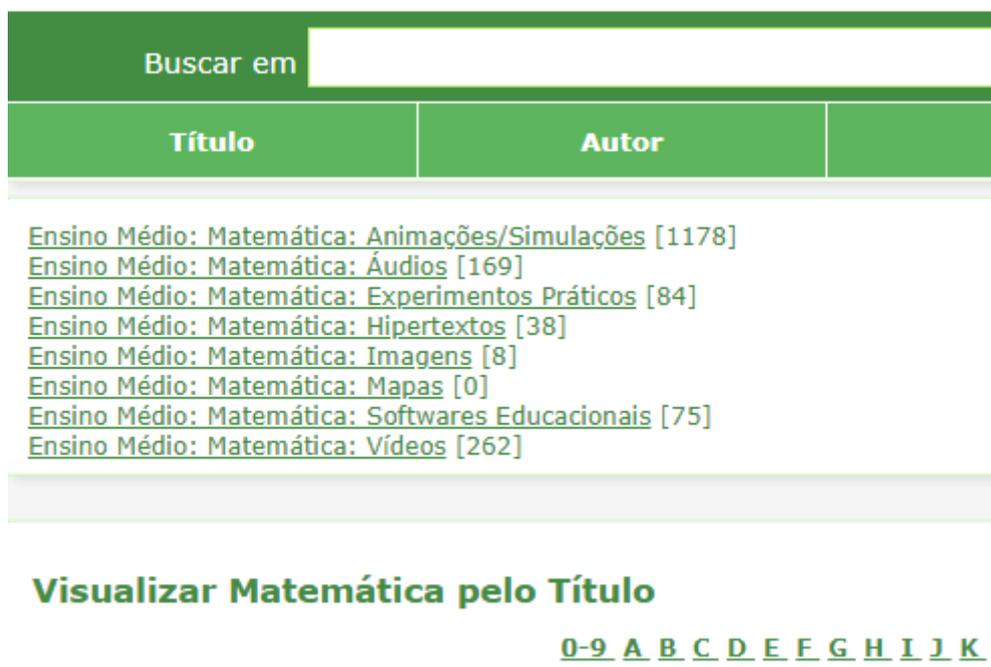


Figura 2: Site Objetos Educacionais detalhe de pesquisa. Fonte: <http://objetoseducacionais2.mec.gov.br/> acesso em 20/06/2018

As possibilidades que este portal na internet possibilita são inúmeras, porém é uma ferramenta quase desconhecida pelos meus colegas professores nas três escolas públicas observadas. Foi apresentado este site aos professores e através dele conseguiram realizar algumas tarefas interessantes como por exemplo, na aula de ciências, uma simulação do sistema solar, aproximaram o sol do planeta Terra e observaram os efeitos devastadores desta aproximação. Da mesma forma distanciaram e também foi devastador. A importância do Sol para manutenção da vida foi uma aula inesquecível. Por analogia fizeram o mesmo com a Lua.

Outro exemplo, agora na aula de matemática, foi a construção em forma de jogos e brincadeiras sobre multiplicação de sinais, com ênfase no negativo vezes negativo ser positivo e também na potência, onde todo número elevado a 0 é igual a 1, ou porquê não é possível dividir número por 0. Através destas aulas o aluno foi afetado pelo descobrimento.

Este afeto, sentimento, tornará o aprendizado marcante, como vimos na fenomenologia existencial. Talvez, este aluno conseguirá fazer uma dissertação bem rica sobre o efeito do Sol na vida planetária, do que se tivesse apenas assistido a aula e feito as tarefas do livro didático.

De fato, as três escolas foram contempladas com o programa. Na ESCOLA A tem um laboratório de informática com aproximadamente 20 computadores disponíveis para uso, possui internet via cabo e um roteador WIFI, porém a senha não é fornecida para uso dos alunos nem dos professores.

Na ESCOLA B são dois laboratórios, cada um com aproximadamente 20 computadores disponíveis, todos ligados em rede com acesso à internet; também possuem roteador *WIFI*, mas a senha, da mesma forma não é franqueada a alunos e professores. Na ESCOLA C, existem dois laboratórios com a mesma capacidade aproximada, ligados em rede com acesso à internet e roteador *WIFI*. Nessa escola, a senha é aberta e a internet é franqueada para professores e alunos.

Na ESCOLA A, única escola que só possui um laboratório, há uma professora e dois técnicos dedicados a ele, incluindo, os serviços de impressões de provas e trabalhos além de assistência técnica de todos os equipamentos de informática da escola. Nessa escola, tanto os alunos quanto os professores recebem aula de informática facultativa, mediante inscrição e disponibilidade de vagas.

Alguns alunos vão no contraturno e os professores em horário de módulo. São ofertados cursos de informática básica: sistema operacional Windows, editor de textos *Word* e Planilha eletrônica *Excell*. As turmas são específicas para alunos ou professores. Nas turmas para professores, dispensa-se maior atenção no curso de *WORD* com bastante exercícios práticos, elaboração de cruzadinhas, manipulação de figuras, construção de gráficos e formatação de provas e trabalhos. Apesar de dispor de apenas um laboratório, esta escola é a que melhor utiliza este recurso.

As escolas B e C, ambas possuem dois laboratórios, que ficam maior parte do tempo fechado. Nessas escolas há cursos técnicos em nível médio, mesmo assim passam a maior parte do tempo ociosos os laboratórios. Não possuem um professor dedicado a sala e nem programas de utilização como cursinhos básicos a comunidade escolar.

Quando um professor quer usar o laboratório, ele faz a reserva, pois o mesmo está quase sempre livre. Como não possuem um funcionário exclusivo, não se faz manutenção preventiva. Se vier a não funcionar por defeitos, aciona-se a Superintendência de Ensino, a qual demora para responder e frequentemente não soluciona a demanda de assistência.

Mas, conforme Gomes (2012), não é suficiente incorporar as tecnologias à educação, é preciso antes dar condições materiais e formativas para que a escola, os educadores e educandos se apropriem dessas tecnologias a favor da melhoria da qualidade do ensino e da aprendizagem. Com isso para as instituições de ensino utilizarem de recursos tecnológicos como prática transformadora, terão que pensar outros aspectos, dentre eles está o principal agente de transformação: o professor.

Ora, se esse professor não evoluir em sua prática com o computador, tudo fica mais difícil, pois pequenos entraves interrompem a utilização do mesmo. Diante de pequenos percalços, professor desiste de usar a tecnologia básica e deixa de cumprir os objetivos curriculares ou objetivos propostos por projetos educacionais em sua multidisciplinaridade. O resultado será a subutilização dos laboratórios de informática em espaços, criados para recreação, pesquisas isoladas na internet propostas por algum professor regente ou a banalização do espaço com jogos e navegação sem fins educativos.

Essa transformação do professor, lembrando Martin Heidegger, deve ser profunda. A técnica não consiste em ensinar a usar recursos como *data show* ou até mesmo determinado aplicativo no computador; é sim uma mudança de atitude. Um professor não deve enxergar no laboratório uma sala que deve ser usada, onde se deve planejar as atividades para aquele local, ele deve em seus pensamentos e vida cotidiana ver algo e pensar: Posso utilizar isso na sala de aula.

Aquilo que utilizo, para explicar tal matéria, deve ser natural, uma extensão de mim mesmo. Heidegger (2016) nos diz que a técnica é uma extensão do fazer do homem. Mas como enxergar esta extensão, senão pela vivência. Com isso, devemos ensinar os professores a pensar tecnologicamente ao contrário do que fazemos hoje que é ensinar uma ferramenta.

Para tal é necessário capacitar os professores não com ferramentas, ensinando esta ou aquela técnica, e sim estimulá-los ao uso, fazerem que a tecnologia participe de sua vida cotidiana, somente com esta “imersão” o *Dasein* sofrerá modificações na forma de pensar e principalmente na forma de agir. Se ele usa, lembrando da filosofia, os sentimentos gerados pelo fenômeno farão as modificações.

Segundo Gomes (2012), a formação dos professores é necessária pois as mudanças na realidade educacional parecem frágeis e pouco visíveis, devido as dificuldades em relacionar os conhecimentos do âmbito curricular com os tecnológicos e que esta fragilidade pode ter origem no processo de formação, pois alguns professores que foram entrevistados pela autora diziam temer os recursos tecnológicos que a escola tinha.

Tudo isso retrata a necessidade de formar professores para as tecnologias, para que eles sintam seguros, preparados, transformados e assim serem capazes de transformar sua prática, que é a reafirmação do pensamento heideggeriano, de não ensinar a ferramenta e sim a usar a ferramenta como uma extensão de seu fazer. Não basta viabilizar laboratórios, necessário se faz a apropriação da cultura digital no contexto do indivíduo e para que isso aconteça o professor tem que sentir preparado, senão a tecnologia intimida e o professor toma outros rumos.

As escolas, recorrendo à filosofia, não podem lançar os computadores e projetores na vida do professor. Isto é uma ameaça, que vai gerar uma reação automática, repelir. O *dasein* é uma experiência “fenomenológica”, envolve os sentimentos de experiências anteriores. Quais sentimentos o *dasein* experimenta em ser pressionado por usar algo estranho a ele, que o ameaça.

Penso que não seja um bom sentimento. Mas o que a escola deve fazer para ajudar o professor? Talvez as mesmas ações porém forma diferente. Primeiro passo é conscientizar o *dasein* que a tecnologia pode ser boa, pode ajudar, que não é uma tendência, ela é realidade e não tem como voltar a ser o que era antes. Somente quando o professor estiver consciente da necessidade ele vai abrir para uma nova experiência.

Realmente é difícil para alguns, imaginar que está confortável em sua prática, domina seu fazer profissional e agora terá que se reinventar. A primeira reação é repelir mesmo, porém, se o professor estiver consciente que esta reinvenção poderá ser boa, melhorará seu fazer profissional, diminuirá seus esforços e ainda poderá otimizar os resultados. *Dasein* perguntará sobre motivos, para experienciar, ou não experienciar. Entendo que esta mudança é significativa. Não é chegar e lançar tecnologia e cobrar uso. Primeiro deve-se conscientizar a pessoa da necessidade e esta conscientização é um processo, não pode ser uma carta ou uma palestra, isto

não acolhe. Segundo passo é continuar fazendo as mesmas ações, cursos, ferramentas, uso na escola e disponibilização de recursos tecnológicos para o professor. Sobre o curso, relataremos dois casos que vivemos no “Estudo de Caso” deste trabalho.

Observamos que na ESCOLA A, esse fato se concretizava. Como está é a única escola que mantém professor dedicado e um programa de utilização, as professoras regentes que fazem o curso, durante a realização deste, enxergava possibilidade de ensino, combinava com o professor de informática e levava os alunos para o laboratório para fazerem algo que ela visualizou como potencialidade de ensino.

Isso que aprendemos com Martin Heidegger; a técnica é uma extensão do fazer, enquanto a professora utilizava a tecnologia percebeu está oportunidade e não o contrário. Ela não parou, para planejar a aula e disse: “uhm... quero usar algo com computador; o que será que vou fazer?...” Em geral, essa resposta ela não tem e sai em busca de qualquer coisa pedagógica. Essa atitude não é construtiva.

Essas três escolas da rede pública de Ituiutaba/MG receberam projetores (Datashow) que necessitam de reservas com antecedência para uso, porém mesmo sem fazer reserva sempre estão disponíveis. Possuem de 3 a 4 projetores para toda a escola que dificilmente eram usados. Um professor ao chegar na sala e apagar o quadro, todo escrito, vislumbrando o rosto cansado dos alunos perguntou: “Por que vocês não pedem ao professor para projetar no *Datashow* a explicação da matéria e vocês fotocopiam a apostila?”.

Estava entrando para dar aula numa sala de ensino médio noturno; naquela turma haviam alguns alunos mais maduros e foi um deles quem gritou: “Deus o livre!!! Um professor desse tipo só serve pra escrever no quadro”. Como estava fazendo as reflexões do mestrado pesquisei mais entre os alunos, para ver se concordavam e o porquê disso. Por isso acredito que a forma que as tecnologias chegaram nas escolas não foi certa, elas foram “jogadas”, ao mesmo tempo que concluo, que bom que jogaram esse tanto de computadores nas escolas, pois dificilmente alguma escola estaria tão bem aparelhada. Resta agora, ajudar a construir caminhos de utilização

Nessa curta observação nas escolas, os alunos relataram que usar *Datashow* não é pra qualquer um, que dependendo o professor, seria melhor copiar no quadro mesmo. Os alunos relataram experiências, segundo as quais, alguns professores levaram textos para serem projetados e ficavam fazendo leitura dentro de sala, tornando a aula muito enfadonha e cansativa. Quando o professor escreve no quadro, pelo menos eles têm um tempinho de relaxamento e conversam entre si.

Isso pode ocorrer, pois a técnica não são os aparelhos eletrônicos (HEIDEGGER, 2016), mas sim o fazer ou a modificação do fazer humano. Se usarmos uma faca pela necessidade de abrir uma laranja a faca é uma tecnologia. As pessoas não devem segurar uma faca e começar a pensar o que irão fazer com ela; isso é um absurdo. Assim, os professores não devem olhar um *Datashow* e imaginar o que irão fazer com ele.

Anterior ao ingresso no programa de mestrado, tive experiência como professor de cursinho, com a disciplina era Matemática Financeira. Quando planejava as aulas, gravava um vídeo e postava no *youtube*, com a aula que iria ministrar. Era uma forma de assistir a aula, antes que ela acontecesse e ainda a disponibilizava para os alunos como reforço.

Não parei e fiquei pensando o que fazer com a internet e o *youtube*, veio natural, surgiu, ou, como traz Heidegger, foi desvelada. As possibilidades existiam, apenas foram desveladas. Assim como a faca para abrir uma laranja é pensamento natural de quem conhece a utilidade da faca. Novas tecnologias para educação também o são e devem ser desveladas naturalmente.

Para Sibilía (2012), faz algum tempo que os gritos da atualidade são ensurdecedores e a escola tem que mudar, tem que adequar a modernidade. Mas essa mudança, essa adequação tem que ocorrer não só com os aparatos tecnológicos, em seus laboratórios de informática, projetores multimídias, lousas digitais e internet sem fio, devemos mudar o cerne, o professor.

Se não mudar o professor, para auxiliá-lo a receber o pensamento tecnológico, seria o mesmo que dar uma faca e uma laranja para uma criança faminta de dois anos de idade. Isto é o passo que devemos entender, a sociedade clama faminta pelo uso das tecnologias na escola, o governo fornece as armas, mas os professores destas escolas ainda não estão preparados.

Devemos refletir se a continuidade de investimento em tecnologias nas escolas, para manterem laboratórios fechados e recursos no armário continuam necessário ou deveríamos investir no uso de tecnologias. Das três escolas que observei, apenas uma, a com menos computadores, projetores e banda de internet usavam as tecnologias de forma mais intensa, e esta escola mantinha uma professora e dois assistentes dedicados com cursos para comunidade escolar.

4.2 INTERNET NA SALA DE AULA

Um dos fenômenos que a tecnologia digital trouxe é o celular. É censo comum que estes aparelhos estão na vida de praticamente todos os alunos de ensino médio de Ituiutaba e penso que na maioria das cidades Brasileiras. Não por acaso, estas caixinhas digitais além de funcionarem como aparelho telefônico, possibilitam a conexão com a internet e suas múltiplas possibilidades de uso no dia-a-dia do indivíduo. Uma importante função é sua conexão as redes sociais e aplicativos de mensagens instantâneas que consomem grande parte da atenção de seu uso. Hoje eu me preocupo muito mais por ter esquecido o celular em casa do que ter esquecido a chaves. Não saio sem o celular nem para caminhar ou ir ao banheiro. O *smartphone*, celular com internet, faz parte de nossa vida no mundo fora das escolas, mas, uma grande preocupação é o que fazer com ele dentro da escola.

Da mesma forma que não se pode varrer um elefante para debaixo do tapete, é impossível desviar o olhar da grande rede e minimizá-la diante do dilúvio informacional, das novas formas de produção do conhecimento e de relações sociais que a contemporaneidade tem experimentado. (DELGADO; MAYNARD, 2015, p. 582)

As escolas observadas, reagem bem à internet. Sim, reagem. Não existem ações para o uso da internet nas escolas. Em duas delas não fornecem a senha da rede wifi e o uso de celulares são proibidos. Na escola que fornece a senha, foi orientado em reunião com os professores que no início da aula recolham os aparelhos e coloquem na frente, no quadro, entregando no final da aula.

Os alunos ficam o tempo todo manuseando o celular, é incômodo ver a situação. Em algumas aulas, nessa escola, o professor fez de tudo para chamar a

atenção: atividades, dinâmicas e até exibições de vídeos interessantes, mas os alunos a todo tempo ficavam manuseando o celular. Ante a recomendação da escola, para recolher os aparelhos, o professor fez um acordo com os alunos onde ele desliga o seu celular e todos fazem o mesmo. Aquele que for pego manuseando o aparelho é solicitado que saia da sala e reúna com a inspetora do noturno.

Isto é um novo paradoxo; todos nós usamos a internet no dia-a-dia em diversas formas. Aplicativos de mensagem instantânea, e-mails, redes sociais, dicionários, enciclopédias virtuais, pesquisas, pagamento de contas e etc, mas ao chegar na sala de aula, o uso é proibido. Difícil de imaginar esta relação. As escolas proíbem o uso, pois é o mais fácil a se fazer, não somente os professores não sabem como usar a internet na sala de aula, mas o aluno também chega despreparado para este uso.

Na ESCOLA C, uma turma com mais adolescentes, durante três aulas seguidas o professor solicitou a eles pesquisassem na internet como parte de atividades avaliativas. Na primeira atividade dividiu a sala em 4 grupos, cada um pesquisaria a história de um aplicativo de sucesso, *whatsapp*, *facebook*, buscador *google* e Messenger para apresentarem no final da aula um relatório que seria compartilhado com os demais.

O que observei, os alunos no laboratório de informática, ficaram o tempo todo navegando em rede social, conversando coisas que não eram objeto do trabalho, enquanto um colega fazia o trabalho. Como estava observando o comportamento, deixei que pesquisassem livremente.

Na aula seguinte aplicou uma atividade em duplas, assim, todos pesquisariam. Foi um trabalho avaliativo com peso maior em nota, um questionário com 5 questões para pesquisa e entrega no final da aula. O fato ocorreu, um aluno pesquisava e outro ficava navegando nas redes sociais. Tive a curiosidade de ficar lendo as postagens nas telas dos computadores utilizados pelos alunos, falavam de festas, namoros, bebidas e fofocas, mas nada de realizar o trabalho. Nesta atividade algumas duplas não realizaram a tarefa, alegaram que não deu tempo, sendo que na verdade estavam fazendo outras coisas.

Na terceira aula, aplicou uma prova bimestral, com valor em 40% da nota, e permitiu que eles consultassem a apostila no celular, desde que não conversassem

com os colegas. Nos primeiros minutos de prova o fato ocorreu, ficaram navegando sem objetivo na internet, e correram no final para entregar a prova. Grande parte não conseguiu concluir a avaliação. O mais interessante foi que a metade das questões aplicadas, eram adaptações do trabalho realizado na aula anterior, e muitos nem perceberam isso, levando a acreditar que eles nem leram o trabalho da aula anterior e ficaram somente navegando na internet.

Pudemos observar que na primeira aula, praticamente um aluno fez o trabalho de grupo e o restante ficou na rede social. No segundo trabalho (em duplas) algumas nem leram o trabalho pois ficaram nas redes sociais e outras duplas, apenas um, fez o trabalho. Na terceira aula, era uma prova, da mesma forma foram navegar na internet, porém, após curto espaço de tempo, voltaram a atenção para a prova, só que agora o tempo estava diminuto. Pela breve observação, sem qualquer rigor metodológico, poderia supor que os alunos estavam refletindo suas condutas de vida, onde gastam maior parte do tempo com os prazeres da internet cabendo ao professor um desafio ainda maior.

Que o professor não esteja preparado para inserir em seu contexto de aula a internet é um fato, mas e os alunos, já estão preparados para usar a internet livremente em sala de aula? Cremos que exigir do aluno atenção integral é um erro, mas as distrações da internet são inúmeras, porém este aluno vivencia este mundo fora das escolas. Não seria apenas inserir a internet na sala de aula, devemos refletir com os alunos uma melhor programação de tempo. Métodos de estudo e dedicação.

Não podemos cortar as distrações da internet, exigindo do aluno atenção integral, ao mesmo passo não podemos deixá-los livres para fazerem o que quiserem. Parece, neste momento, que algo mais entra em cena, seria ajudar com que eles organizem seu tempo. Desenvolver neles habilidades ou métodos que permitam o estudo e a navegação. Neste quesito a filosofia tem importante papel, no sentido de refletir, fazer perguntas, analisar e buscar um caminho a seguir.

Heidegger (2012) também afirma que não devemos regular a natureza, para manipular comportamentos. Fazer com que alunos fiquem o tempo todo focado no estudo é um desejo manipulador, coercitivo até, isso não é natural do indivíduo. Por outro lado, seria irresponsável e sem objetivo educativo, deixá-lo recreando na internet. Ainda com Heidegger, devemos trazer o aluno para uma mudança de

comportamento, até mesmo do próprio pensamento, mas esta mudança não pode ser exigida, deve ser construída em cima das necessidades reais daquele aluno. Isso só irá acontecer se o aluno sentir esta necessidade. Surge aqui um novo papel do professor ante a tecnologia, levar o aluno a refletir sobre o uso.

Educar o tempo, ou administrar o tempo, é matéria a ser refletida. Quanto tempo gastamos na escola, tarefas, estudos e quanto gastamos com celular? Qual o limite de uso saudável para ambos? Para LESSA (2014) no domingo a noite devemos estabelecer um cronograma de dez a quinze horas de estudo na semana e adverte “jornadas de estudos de quatro ou cinco horas ininterruptas são, tipicamente, o limite para não cair demais a produtividade.” (LESSA, 2014, p. 73).

Devemos planejar melhor nosso tempo, quanto tempo destinamos para estudo e quanto destinamos para redes sociais e o quanto estamos efetivamente realizando. Devemos anotar estes tempos e acompanhar o realizado, assim, através da informação poderemos operar mudanças de comportamento pois saberemos o que é real ou não. Se eu percebo que gasto sessenta horas semanais com redes sociais e distrações e uma hora com estudos, enquanto o planejamento que eu mesmo elaborei deveria gastar dez horas com estudos, algum ajuste deve ser feito, mas este ajuste deve partir de uma necessidade do *dasein*. Se o meu *dasein* não for afetado, não sentir a necessidade por mudança, automaticamente ele não irá produzir esta mudança.

Cabe a escola proporcionar este “fenômeno” de forma que atinja o sentimento do indivíduo. Refletir os ganhos com as distrações e os ganhos com os estudos. Se precisamos dos dois, minha opinião é que sim, mas qual a medida que precisamos. O que desejamos num futuro a médio e longo prazo, o que fazemos hoje ou deveremos fazer para que isto aconteça. Este é o papel da educação, dar aportes que direcionam. Conscientizar o caminho que se deseja trilhar.

Como vimos e reafirmamos, não é somente investir em tecnologias. A tecnologia, se não for desvelada, não vai surgir naturalmente do Ser, ela não cumpre o papel desejado. Discutir e preparar melhor os profissionais da educação talvez sejam mais importantes que comprar os equipamentos.

4.3 RELATOS DE AULAS

Ingressou na ESCOLA A e no curso de informática uma menina que não sabia ler. Ela iria completar 11 anos, sua família recentemente havia mudado para Ituiutaba oriundos do interior de Alagoas. Eles vieram em busca de emprego e melhores condições de vida, relataram que escola, saúde, segurança e renda em Ituiutaba são melhores do que a cidade onde estavam. A menina ficava o tempo todo na escola, que oferece aulas de informática, esporte, dança, bordado e música no contraturno, facultativo a matrículas.

Bastante comum encontrar alunos que frequentam quase todas as aulas, até porquê recebem as refeições na escola, e no caso desta aluna, os pais ainda desempregados tinham dificuldades de manterem todas as refeições. Esta aluna, apesar da idade não sabia ler e já estava matriculada na sala do AEE. Ela não conseguia acompanhar as aulas de informática pois leitura era um pré-requisito.

No final da aula, os alunos que terminavam os exercícios, era permitido navegarem na internet, mas como esta não conseguia ler, um dia eu sentei ao seu lado e coloquei no *youtube*. Perguntei qual desenho ela gostava, me respondeu que “Pica Pau” e “Chiquititas”, coloquei os vídeos do desenho animado Pica Pau. Foi uma enorme diversão.

Na aula seguinte, me pediu para colocar os vídeos de novo, eu neguei, disse que tinha feito isso na aula passada e que se ela quisesse que o fizesse sozinha. Ela indignou-se, mas eu disse para tentar. Fui soletrando para ela as letras, e ela olhando no teclado e confirmando qual era qual, isso se repetiu por quase dois meses até que um dia, a professora do AEE foi me perguntar o que eu estava fazendo com ela, pois ela já estava conseguindo ler. Relatou que após as aulas de informática o progresso foi muito grande. De fato, antes das férias do meio de ano ela não me pedia mais ajuda e conseguia entrar no *youtube* e assistir os vídeos que queria.

Outro fato aconteceu com os professores regentes, também na ESCOLA A, curso de informática básica. Esta turma era caracterizada por professoras mais velhas, com maiores dificuldades de usarem a informática, por esta ser uma característica comum, todas se sentiam mais a vontade nas aulas.

No início foi demonstrado como se liga o computador, botões, cabos de energia, cabos de cada periférico e lentamente os recursos do Windows 7. Quando iniciaram as aulas do editor de textos *Word*, ao invés de ensinar os recursos existentes, levamos as provas que eles davam, e atividades da internet para que pudessem reproduzir. No decorrer do curso e das várias práticas, começaram a levar para a aula os trabalhos e provas que estavam fazendo em casa.

Relataram, muitas delas, que em casa não ligavam o computador, por receio de estragar e também pelos familiares que ficavam reclamando que eles mexiam e estragavam as configurações. Estas professoras sentiram tanta confiança que iniciaram o uso desta tecnologia, incorporando inclusive em suas aulas. Elas levavam cruzadinhas e tirinhas que queriam reproduzir e depois, os materiais que conseguiram fazer sozinhas.

Durante o curso, algumas faziam relatos emocionados do significado daquele aprendizado para elas. Interessante, que determinados exercícios, elas começaram a levar os alunos para realizarem no laboratório. Um exemplo que a técnica é uma extensão do saber do ser.

Observando na escola a comemoração de datas com festividades, por exemplo, Dia do Índio e Feriado de Tiradentes. A escola esforça em fazer cartazes, faixas e apresentações. Então sugeri o uso do laboratório de informática nas duas semanas que antecederam uma data comemorativa, Consciência Negra, na qual os alunos fariam os cartazes e também slides de Power Point sobre o tema, no laboratório. Deveriam pesquisar fatos históricos, fotos, significados, exemplos de acontecimentos e montarem slides bem criativos. Projeto multidisciplinar, envolvendo os professores de Português, História, Geografia e Ciências. Cada professor com suas exigências, mas num único projeto. Os alunos contextualizaram, apresentaram, interagiram e o principal, significaram o momento. O resultado foi surpreendente.

4.4 SUGESTÕES PARA ESCOLAS

A - Disponibilizar na biblioteca alguns computadores para uso dos alunos. Os computadores, em sua maior parte, permanecem desligados nos laboratórios e o

público destas escolas são financeiramente carentes. Em geral, não têm acesso a computadores, apesar de quase todos possuírem celulares. A escola deve oferecer esta oportunidade, propiciar a convivência, pois a técnica é uma extensão do ser.

B - Oferecer curso de informática básica para toda comunidade. A Escola está numa região em que as pessoas não têm computadores e, por isso mesmo, ela deve cumprir seu papel social, transformar a realidade onde está inserida, aula de informática básica é uma forma de inserir as pessoas no contexto tecnológico, preparando em especial as crianças para uma vida acadêmica ou profissional.

Geralmente as crianças não possuem computadores, apesar de terem celulares, e a falta de contato com computadores, tornam as pessoas despreparadas para utilizem as novas tecnologias que fazem parte da vida acadêmica e profissional. Caso elas não tenham contato com os computadores, naturalmente, terão maior resistência para o aprendizado futuro. Os celulares fazem parte do cotidiano, porém, o editor de texto MS-WORD é quase desconhecido para eles.

C – Conscientização e curso Novas Tecnologias para Professores. Primeiro deve conscientizar, como vimos anteriormente, para depois capacitar professores regentes ao uso de novas tecnologias em sala de aula. A proposta é auxiliar professores que se reconhecem com dificuldades de utilizar computador, internet, *data show* e outros recursos multimídias para utilizarem destes recursos para tornar as aulas mais atraentes e desafiadoras para os alunos.

Além dos recursos multimídias, apresentar e utilizar os *blogs*, redes sociais e explorar o potencial destes recursos no envolvimento de alunos. A capacitação será em dois momentos. O primeiro momento é comum, com aulas de Introdução a Informática, Windows, Internet, Redes Sociais e Novas Tecnologias (que vai além do uso de multimídias). O segundo momento será específico com professores regentes de cada disciplina.

Português: Exploração do software editor de texto, uso de recursos extras como formas e figuras e inserção de objetos como páginas de gibis sem as escritas nas falas dos personagens, criando em conjunto com eles Histórias em Quadrinhos, com cenários e personagens que já existem na biblioteca, ficando a cargo do professor explorar a criatividade e o letramento.

Matemática: Exploração do software de planilhas eletrônicas, simulação de várias situações que o software resolve exercícios do livro didático, apresentação de gráficos e modelagem geométrica/trigonométrica, além do uso de software educativo livre como GEOGEBRA (ensino de Geometria e de Álgebra).

Geografia: Exploração do software apresentador de slides, com construções variadas, onde alunos irão criar apresentações com características de vegetação, ou região do país, ou mundo, ou qualquer conteúdo da geografia. Exploração do software Google Earth (Planeta Terra visto pelo satélite) e Google Maps (mapas das cidades do mundo).

História: Exploração do software de banco de dados e construção de bando de dados com fatos e fotos históricas.

Ciências: Exploração de vídeos e seriados disponíveis, em domínio público na INTERNET.

D – Oficinas nos sábados letivos sobre consciência tecnológica. Por que a discussão sobre fake news e administração do tempo devem ser levadas para a sala de aula. Em uma das escolas que trabalhei usavam o sábado letivo para trabalhos, palestras, jogos inter classe e até feira de ciências. O professor nas semanas que antecederiam o sábado letivo mobilizava os alunos, dividindo tarefas para eles, e os alunos compareciam. Por isso, uma excelente oportunidade para trabalhar estes importantes temas.

O *fake news* é ferramenta na mão de pessoas mal intencionadas, eleições por exemplo, são notícias atrás de outras, com montagens que enganam o cidadão e acaba por repassar. Mas existem formas de detectar o que é confiável e o que não é. Por exemplo, simplesmente verificar no site da suposta publicação e em outros tudos como referências naquela abordagem, além é claro, da data de publicação. Apesar de uma dica simples, quase nenhum jovem que dou aulas, a conheciam e ficaram encantados quando buscávamos por indícios de alguma notícia, provavelmente *fake*.

5 ESTUDO DE CASO

“Não devemos servir de exemplo a ninguém, Mas podemos servir de lição”.

Mário de Andrade

Preliminarmente a apresentação deste estudo de caso, se faz necessário alguns esclarecimentos com objetivo de elucidar os motivos que induziram escolher tal escola para o presente estudo.

Durante o curso de mestrado, entre 2016 e 2018, estivemos envolvidos em três escolas públicas, sendo duas estaduais e uma municipal. Anterior ao programa de mestrado, decorreu na graduação em 2009, alguns projetos de extensão para capacitação de professores em tecnologias, o que permitiu, mesmo superficialmente, obter um panorama do uso de tecnologias nas escolas públicas. Ante os problemas elencados, por relato dos professores “alunos”, uma voz fez coro, a não utilização dos recursos tecnológicos disponibilizados pela escola e ainda, a resistência dos profissionais a utilizarem-se delas.

Porém, na escola que iremos apresentar, o uso de tecnologias e dos recursos tecnológicos estão um pouco dissonantes das demais. Não o ideal, porém estão em um caminho diferente, o que faz valer a reflexão apresentada.

5.1 O Estudo de caso

O estudo de caso é uma metodologia de investigação científica e tem sido muito utilizada em universidades brasileiras, devido a suas características. Conforme GIL (2002),

os propósitos do estudo de caso não são os de proporcionar o conhecimento preciso das características de uma população, mas sim o de proporcionar uma visão global do problema ou de identificar possíveis fatores que o influenciam ou são por ele influenciados. (GIL, 2002, p. 55)

Esta metodologia de investigação, é voltada para observações e registro das impressões, analisando o caso observado, pois o objetivo não é proporcionar conhecimento preciso de algum fenômeno e sim o de proporcionar uma visão global do objeto estudado. Ainda segundo o mesmo autor uma modalidade de Estudo de Caso poderá ser útil para nós, que é o Estudo de Caso Instrumental.

Estudo de caso instrumental é aquele que é desenvolvido com o propósito de auxiliar no conhecimento ou redefinição de determinado problema. O pesquisador não tem interesse específico no caso, mas reconhece que pode ser útil para alcançar determinados objetivos. Casos desse tipo podem ser constituídos, por exemplo, por estudantes do ensino fundamental numa pesquisa que tenha como objetivo estudar a aplicabilidade de métodos de ensino. (GIL, 2002, p. 139)

No estudo de caso instrumental, o pesquisador se apoia em interpretações e explicações, esclarecendo valores e explicando seu desenvolvimento de tal sorte que auxilie no conhecimento do problema, sem nenhum interesse em específico a não ser as próprias interpretações. Desta forma, iremos analisar um pouco mais o caso de uma escola que já havíamos relatado nesta dissertação sobre o pseudo nome de “ESCOLA A”. Esta escola, e as práticas nela vivenciadas, serão o que agora passaremos a apresentar.

5.2 Sobre a escola

Identificando a escola:

A Escola Municipal Aureliano Joaquim da Silva, de Educação Infantil, Ensino Fundamental e Educação de Jovens e Adultos, está sediada no Centro de Atenção Integral à Criança e ao Adolescente (CAIC), no bairro Novo Tempo II, na Rua Áurea Muniz de Oliveira, 175, cidade de Ituiutaba/MG. Esta escola foi criada integralmente com o objetivo de atender ao CAIC.



Figura 3: Foto ginásio poliesportivo. Esta foto é o retrato do CAIC não só em Ituiutaba como em todas as cidades que ele está presente devido sua arquitetura marcante. O ginásio pode ser visto em diversos lugares do município. Fonte: <http://caicituiutaba.blogspot.com/> acesso em 21/06/18



Figura 4: Vista de frente ao Bloco A, entrada principal da escola. Foto tirada no jardim. Fonte: <http://g1.globo.com/minas-gerais/triangulo-mineiro/noticia/2015/01/escolas-sao-preparadas-para-volta-aulas-em-ituiutaba.html> acesso em 21/06/2018



Figura 5: Logo usada pelo CAIC em redes sociais. Fonte: Arquivo de capa da Escola no facebook <https://www.facebook.com/CaicItuiutaba/photos/a.150012061809661.47270.150009978476536/150012071809660/?type=1&theater> acesso em 21/06/2018

De acordo com o Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola, o CAIC visa atender a pedagogia do Programa Nacional de Atenção Integral à Criança e ao Adolescente (PRONAICA)

O PRONAICA foi criado em 1993, em substituição ao “Projeto Minha Gente”, do governo Fernando Collor de Melo. Tem praticamente os mesmos objetivos do projeto de origem, mas passou a adotar, para a sua operacionalização, as unidades físicas dos CIACs – agora chamados CAICs (Centros de Atenção Integral à criança) – com a adequação de espaços físicos pré- existentes e a articulação e integração de serviços setoriais voltados para a criança. (...). Na fase inicial, teve como tônica principal a construção de CAICs. Atualmente, o seu principal objetivo é o de “garantir à criança e ao adolescente seus direitos fundamentais e seu desenvolvimento integral, com vistas ao seu preparo para o exercício da cidadania”. As áreas prioritárias de atuação do programa, que é de responsabilidade do MEC, são: mobilização para a participação comunitária, atenção integral à criança de 0 a 6 anos, ensino fundamental, educação para o trabalho, proteção à saúde, segurança e alimentação, assistência a crianças portadoras de deficiências, cultura, esporte e lazer. (MENEZES; SANTOS, 2001)

Com relação ao PRONAICA, a escola desenvolve um elenco de subprogramas na Unidade de Serviço. Considera-se tal conjunto necessário para a concepção dos objetivos para o desenvolvimento da Atenção Integral. Existem para cada subprograma, um Diretor ou um Coordenador de Área que cuida para o bom

desenvolvimento do núcleo sob sua responsabilidade. Cada Unidade de Serviço operacionaliza oito subprogramas de caráter finalístico, voltados à educação integral da criança e do adolescente em suas diferentes fases, bem como às situações peculiares da família e ao contexto sociocultural: 1) Proteção Especial à criança e à Família; 2) Promoção da Saúde da Criança e do Adolescente; 3) Esportes; 4) Cultura; 5) Educação para o Trabalho; 6) Alimentação; 7) Educação Infantil (creche e pré-escola); 8) Educação Escolar.

Destacam-se ainda, três linhas instrumentais que subsidiam os demais integrando o processo e resultado, quer fortalecendo as propostas através de novas tecnologias para a execução dos subprogramas acima. São eles: 1) Suporte Tecnológico; 2) Gestão; 3) Mobilização. A escola trabalha nos três turnos e oferece refeições completas, gerando outro contexto: indivíduos que frequentam a escola com objetivo de alimentarem.

Os turnos, segundo PPP, são:

Matutino: 7h às 11h30m, com intervalo para recreio das 9h30min às 9h45min e das 11h30min às 12h para almoço. Neste horário são atendidos alunos e alunas do Ensino Fundamental do 5º ao 9º ano e os alunos e alunas do Período Integral. São atendidos também os alunos e alunas que participam das atividades do Programa “Mais Educação”⁷.

Vespertino: 13 às 17h20m, com intervalo para recreio das 15h30min às 15h45min e das 17h20min às 18h para jantar. Neste horário são atendidos alunos do 1º ao 4º ano. Das 14h às 18h os alunos e alunas dos anos finais do Ensino Fundamental, participam de atividades que compõem os sete macro campos do Programa “Mais Educação”.

Noturno: 19h às 21h30m. Neste horário são atendidos os alunos e alunas da Educação de Jovens e Adultos (EJA). 1º e 2º seguimentos.

⁷ O Programa Novo Mais Educação, criado pela Portaria MEC nº 1.144/2016 e regido pela Resolução FNDE nº 17/2017, é uma estratégia do Ministério da Educação que tem como objetivo melhorar a aprendizagem em língua portuguesa e matemática no ensino fundamental, por meio da ampliação da jornada escolar de crianças e adolescentes, otimizando o tempo de permanência dos estudantes na escola. (fonte: <http://portal.mec.gov.br/programa-mais-educacao> acesso 28/09/2018)

Na Educação Infantil os alunos e alunas são atendidos, em período Integral, das 7h às 16h30min e em horário regular das 7h às 11h e das 13h às 17h.

Nos finais de semana: Sábado das 8h às 17h, escolinhas de esporte e lazer e outras atividades com a comunidade.

A escola, ainda em acordo com PPP 2016, atende diretamente 890 alunos nas seguintes modalidades: 1) Educação infantil: 236 alunos; 2) Creche: 103 alunos; 3) Pré-escola: 133 alunos; 4) Educação de Jovens e Adultos (EJA): 111 alunos; 5) Séries anos iniciais: 36 alunos; 6) Séries anos finais: 75 alunos; 7) Ensino fundamental: 543 alunos.

A localidade da escola.

O Bairro Novo Tempo II, bairro periférico e bem afastado do centro da cidade de Ituiutaba é uma localidade de moradores com baixo poder aquisitivo, pouca atenção social e comum em encontrar menores perambulando pelas ruas, ou grupinhos nas esquinas, adultos desempregados, e algumas famílias desestruturadas social e financeiramente.

A comunidade escolar é afetada pelos fatores anteriormente citados e é caracterizada, em sua maioria, por famílias cuja renda oscila, de acordo com o PPP 2016 da escola, de um a três salários mínimos por família. Alguns alunos são migrantes do estado de Alagoas e outras regiões do nordeste. Residem no bairro onde está localizada a escola, pois mudaram para Ituiutaba em busca de melhores condições de vida e atraídos pela oferta de empregos nas Usinas Sucroalcooleiras da região, frigoríficos etc. É um bairro que tem como estrutura um conjunto de casas populares, circundadas por outras construídas pelos próprios moradores. Todas elas são de estruturas mais simples e a maioria tem saneamento básico.

Os moradores contam com supermercados, alguns botequins, lojas de roupas e utilidades em geral, igrejas, açougues e *Lan House*. O bairro não possui farmácia nem hospital, mas tem o PSF – Programa de Saúde da Família e o Posto de Saúde com funcionamento dentro do próprio CAIC.

A segurança do bairro é ainda precária, causando transtorno aos moradores, pois serviços de taxi, por exemplo, atende com dificuldades, principalmente em certa

faixa de horário em alguns pontos do bairro. Também as famílias ficam apreensivas, de acordo com relatos espontâneos de algumas mães na própria escola, com o retorno dos filhos que estudam a noite, devido ao uso comum de drogas nas ruas e aglomeração de pessoas com hábitos imorais e hostis em alguns pontos. Há rondas policiais todos os dias no período noturno, porém limitada a algumas ruas e bem cautelosa. Já existiu no bairro um posto policial, mas foi desativado.

A área de lazer existente no bairro é uma pracinha recém construída, com passarelas em seu interior e algumas plantas ornamentais, mas não tem nem banco para as pessoas sentarem.

O envolvimento social dos moradores com a comunidade é, em grande parte, oferecido pela escola que realiza várias atividades como: festa junina, comemoração do Dia da Mães, aniversário do CAIC, Dia dos Pais, Culminância de projetos pedagógicos como: folclore, Consciência Afro-brasileira, Drogas, Jogos (interescolares e interclasses), etc. A escola não mantém nenhuma parceria com qualquer empresa privada para realização destes projetos e consta na estrutura da escola uma Diretora Social responsável por conseguir recursos e verbas para a realização destes, pedindo, a empresas e comunidade apoio para realização de cada projeto em particular.

O ponto de referência dos moradores é a escola, por isso associado aos programas de geração de renda, eles dão muito valor a este patrimônio público, estão sempre prestigiando os eventos realizados, porém, infelizmente a escola sofre com alguns atos de vandalismo.

A escola ainda é a mantenedora dos subprogramas Saúde e Proteção Especial e Iniciação ao Trabalho que desenvolvem ações preparando os adolescentes para ingressarem no mercado de trabalho. Devido a situação socioeconômica dos moradores, muitos adolescentes precisam trabalhar para complementar a renda familiar.

A escolaridade dos pais dos alunos, segundo o PPP, varia do analfabetismo ao Ensino Fundamental incompleto. Alguns pais são alunos dos cursos noturnos, Ensino Fundamental e EJA.

O bairro é bem arborizado e a maioria das ruas asfaltadas tem algumas sinalizações. Sua área geográfica é em declive por ser perto as margens do Córrego Pirapitinga e encontra-se bem afastado do centro da cidade. Os moradores contam com o transporte coletivo que faz o itinerário Novo Tempo II, Centro e Bairro Eldorado. A maioria dos alunos moram no bairro; por essa razão, vão mesmo a pé para a escola. Os alunos que não moram no bairro, uma minoria, vão para a escola de bicicleta, outros utilizam o transporte escolar (Vans, peruas, ônibus, micro-ônibus).

A qualidade de vida no bairro é medida pela necessidade financeira. Muitos moradores trabalham para conseguirem mudar para bairros mais seguros e próximos ao centro, com melhores acessos ao transporte coletivo e períodos noturnos com maior segurança.

Histórico da instituição Cedente:

A Escola Municipal “Aureliano Joaquim da Silva” – CAIC foi criada através do Decreto Lei Municipal 3.181 de 09/01/1996, tendo sido o seu funcionamento autorizado através da portaria SEE nº 1057/96, MG: 26/10/96., para atender ao subprograma da Educação Escolar e da Educação Infantil.

Com isto, busca oferecer condições para que o processo de atendimento às crianças e adolescentes e de integração dos vários serviços públicos indispensáveis ao pleno desenvolvimento da infância e da adolescência ocorra, com o envolvimento da família e da comunidade, na responsabilidade conjunta do Estado, da Sociedade e da Família. Sendo assim, a Escola Municipal “Aureliano Joaquim da Silva” – CAIC é um subprograma da Unidade de Serviço (US).

Ante os graves problemas sociais referentes à criança e à adolescência no Brasil e atendendo a compromissos constitucionais foi institucionalizado em 1993 o Programa Nacional de Atenção Integral à Criança e ao Adolescente – PRONAICA que tem como referência básica o disposto no artigo 227 da Constituição Federal, explicitado em cinco palavras chaves: sobrevivência, desenvolvimento, educação, proteção e participação.

O PRONAICA é entendido como um conjunto de ações básicas de caráter socioeducativo, orientadas pela concepção da Atenção Integral, em ambientes previamente planejados, preparados e organizados – as Unidades de Serviços.

As Unidades de Serviços constituem o lócus privilegiado para desenvolver o PRONAICA com diferentes configurações para o seu atendimento. Surge assim o CAIC, construído preferencialmente em comunidades onde não existem serviços sociais apropriados e caracteriza-se pela construção completa da Unidade de Serviço em espaço contínuo.

Cada Unidade de Serviço operacionaliza oito subprogramas de caráter finalístico, voltados à educação integral da criança e do adolescente em suas diferentes fases, bem como às situações peculiares da família e ao contexto sociocultural.

Na gestão do então Presidente Itamar Augusto Cautiero Franco e do Ministro da Educação e do Desporto Maurílio de Avelar Hingel, a pedido do Deputado Federal Romel Anízio Jorge e com o apoio do Prefeito João Batista Arantes, Ituiutaba integra-se ao Programa do PRONAICA – Programa Nacional de Atenção Integral à Criança e ao Adolescente.

O Bairro Novo Tempo II, foi o local escolhido para atender a pedagogia do PRONAICA em Ituiutaba. Surge ali o CAIC “AURELIANO JOAQUIM DA SILVA” com o início da terraplanagem em 1994 e prosseguindo sua construção até janeiro de 1996 com a inauguração prevista para 1º de maio.

O CAIC iniciou suas atividades em fevereiro de 1996 com 6 turmas de 4, 5 e 6 anos e 12 turmas de Ensino Fundamental, na Escola Estadual Maria de Barros, no período vespertino, até à data de sua inauguração.

A Escola Municipal “Aureliano Joaquim da Silva” – CAIC foi criada através do Decreto Lei Municipal 3.181 de 09/01/1996, tendo sido o seu funcionamento autorizado através da portaria SEE nº 1057/96, MG: 26/10/96. A escola oferece Educação Infantil para alunos de seis meses a cinco anos, Ensino Fundamental para alunos de seis a quatorze anos e Educação de Jovens e Adultos, para alunos a partir dos quinze anos.

Esta Escola está sediada no CAIC – Centro de Atenção Integral à Criança e ao Adolescente, no Bairro Novo Tempo II, na Rua Áurea Muniz de Oliveira, 175, para atender ao Subprograma Educação Escolar e Educação Infantil.

Busca oferecer condições para que ocorra o processo de envolvimento da família e da comunidade na responsabilidade conjunta do Estado e da Sociedade, para o atendimento integral às crianças e aos adolescentes, com a integração dos vários serviços públicos indispensáveis ao pleno desenvolvimento da infância e da adolescência.

Além da observância aos princípios e fins da Educação Nacional, a Escola tem suas atividades centradas na Pedagogia da Atenção Integral, isto é, em um conjunto de ações e atividades articuladas com os demais subprogramas, que objetivam garantir à infância e à adolescência de baixa renda, seus direitos fundamentais, seu desenvolvimento integral, com vistas ao preparo para o exercício da cidadania.

Tem como missão, preparar o aluno cidadão para uma vida feliz e participativa, através da educação integral e da prática de valores morais, resgatando a dignidade do ser humano, garantindo-lhe o direito à cidadania.

O nome do CAIC e da Escola: “Aureliano Joaquim da Silva” foi uma indicação do vereador tijucano Joseph Tannous, para homenagear o pai do então Prefeito de Ituiutaba, João Batista Arantes da Silva.

Uma justa homenagem a um homem que, apesar de sua simplicidade, de seu pouco estudo acadêmico, soube tão bem dar exemplos de fé na Escola, considerando-a como responsável por garantias de mudanças sociais e formação de seres capazes de exercer com retidão e dignidade a cidadania.

Aureliano Joaquim da Silva nasceu no dia 16 de junho de 1931 na Fazenda Patos, Município de Santa Vitória, mas foi registrado no dia 26 de junho de 1931. Era o sétimo filho de Antônio Miguel da Silva e Vicência Maria Rezende. Cresceu forte e saudável e sempre determinado, responsável e amigo de todos. Fez seus estudos na fazenda Bebedouro até a 4ª série do antigo Primário. A responsabilidade foi uma de suas características mais fortes. Tendo perdido o pai aos sete anos de idade, assumiu o controle da fazenda, ajudando a mãe nos negócios.

No dia 23 de setembro de 1950, casou-se, aos 19 anos, com a jovem Sebastiana Arantes da Silva, carinhosamente conhecida por “Sinhá”, na Fazenda Sucuri. Cumpridor de seus deveres e obrigações, era o companheiro e amigo das horas certas e incertas. Sempre brincalhão, amava a família acima de todas as coisas. Ao longo de sua vida viveu em harmonia com a esposa, sempre festeiro, simples, humilde e bom. Ao seu lado tinha a companheira perfeita, a “Sinhá”, agradável, simpática e meiga. Juntos, com uma inabalável fé em Deus e na vida, constituíram um lar e uma família. Tiveram quatro filhos: João Batista Arantes da Silva, Maria Elena Arantes, Luiz Antônio Arantes e Antônio Luiz Arantes da Silva. Pai zeloso, generoso, justo e severo. Soube como ninguém educar os filhos dentro dos preceitos da honestidade, da sinceridade, do amor ao próximo e do trabalho. Ensinou desde cedo aos filhos que a escola era o lugar certo para o exercício da cidadania e, para tanto, não mediu esforços oportunizando o estudo para todos os seus filhos.

Em 1962, morando no município de Santa Vitória, mudou-se com a família para Ituiutaba, a fim de que seus filhos pudessem estudar. Já em 1969 mudou-se novamente com a família para Uberaba para que os filhos ingressassem nos cursos superiores, onde João se fez médico em 1977 e Antônio Luiz se fez Engenheiro Civil em 1980. O relacionamento do Sr. Aureliano com suas noras sempre foi muito fraterno, reinando entre eles carinho, amizade e respeito. Deixou para os netos o exemplo de estar sempre bem disposto e pronto a ajudar os outros. Apesar de seus problemas pessoais, estava sempre contente.

Fazia questão de fazer as vontades dos netos, mas sempre com muita ponderação e sensatez. Adorável contador de histórias, amigo sincero e, acima de tudo, um homem feliz. Aureliano sempre foi fiel às suas amizades e quando confiava em alguém era para toda a vida. Nos negócios era honesto e justo. Jamais foi capaz de prejudicar alguém, pelo contrário, era capaz de ser lesado a enganar alguém. Homem sem preconceitos, incapaz de discriminar alguém. Todos tinham vez em sua casa e em sua mesa. Aureliano resignou-se à sorte e faleceu, com serenidade, aos 26 dias do mês de janeiro de 1989, vítima de um câncer.

No ano de 1996, por indicação do vereador Joseph Tannous, foi votada na Câmara Municipal de Ituiutaba a cessão do nome do Sr. Aureliano Joaquim da Silva ao CAIC de Ituiutaba. Uma justa homenagem a um homem que, apesar de sua

simplicidade, de seu pouco estudo acadêmico, soube tão bem nos dar exemplos de confiança na Escola, como responsável por garantias de mudanças sociais e formação de seres capazes de exercer com retidão e dignidade a cidadania.

Objetivos e princípios da escola:

Em acordo com o PPP, os objetivos e princípios da escola são:

Conquistar maior autonomia para a unidade escolar, abrindo possibilidades para a realização de experiências inovadoras, ousadas e desafiadoras;

Organizar e desenvolver situações de ensino: reconhecendo e respeitando diferenças relacionadas a fatores tais como nível socioeconômico, cultura, etnia, gênero, religião e outros; formulando objetivos de ensino contextualizados, possíveis de serem atingidos e expressos com clareza; selecionando conteúdos e estratégias de ensino e aprendizagem adequadas às condições dos alunos e aos objetivos pretendidos; planejando instrumentos de avaliação diversificados, que sejam capazes de captar a gama de resultados obtidos com situações criadas e experiências vivenciadas;

Utilizar os conhecimentos sobre a realidade: econômica, cultural, política e social, para compreender o contexto em que está inserida a prática educativa, explicando as relações entre o meio social e a educação e comprometendo-se com a transformação dessa realidade.

Finalidades da escola:

Colaborar na formulação de propostas de intervenção pedagógica voltadas para a reorganização do trabalho escolar, tendo em vista o progresso e sucesso de todos os alunos da escola;

Possibilitar o uso pedagógico das novas tecnologias de informação e de comunicação, na ação docente;

Subsidiar a elaboração e execução de projetos, comprometendo-se com o desenvolvimento profissional, com a ampliação do horizonte cultural e a formação permanente dos docentes;

Refletir sobre a prática docente, de forma a aprimorá-la, avaliando os resultados obtidos e sistematizando conclusões a respeito;

Possibilitar uma formação pedagógica e social, de forma que o aluno possa atuar como cidadão e como profissional consciente e responsável; pautando-se por princípios da ética democrática-dignidade, respeito mútuo, justiça, participação, responsabilidade, diálogo e solidariedade;

Favorecer à participação da comunidade na gestão democrática da escola, integrando as diversas associações existentes (Conselho escolar, Associação do Bairro, dentre outras);

Contribuir para a construção de uma sociedade justa, democrática, fraterna e sustentável; favorecer as reflexões e a busca de informações para a compreensão do significado e da importância da qualidade na educação democrática do ensino público;

Superar as imposições ou disputas de vontades individuais oportunizando a toda a comunidade escolar a vivência da construção e participação de todos;

Favorecer as reflexões e a busca de informações para a compreensão do significado e da importância da qualidade na educação democrática do ensino público.

Concepções pedagógicas:

A ação da Instituição está fundamentada pelas ações educativas e devem ser pautadas pelos seguintes princípios: liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber; pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas; respeito a liberdade e apreço a tolerância; valorização do profissional da educação; gestão democrática; garantia de um padrão de qualidade; valorização de experiência extraescolar; e vinculação entre a educação escolar, o mundo do trabalho e as práticas sociais.

Dimensão física da escola:

O espaço físico do CAIC “Aureliano Joaquim da Silva” constitui-se de 03 blocos edificadas e 01 área de Treinamento Esportivo e Lazer. No primeiro bloco estão a Capacitação e Teledifusão / Gestão / Alimentação / Educação Escolar.

A Capacitação e Teledifusão constituem-se de: laboratórios de informática e ciências, sala de vídeo e multimeios, sala de reuniões, sanitários e vestiários, secretaria, recreio coberto, salas de direção e apoio administrativo. A alimentação é formada pelo: refeitório, despensas, almoxarifado, cozinha, câmara frigorífica, sanitários e vestiários. Na educação escolar estão localizadas as salas de aula, dos professores, dos supervisores e recurso.

O laboratório de informática, além de ser um suporte a todos os subprogramas do CAIC, oferece serviços a toda à comunidade: internet e aulas de Iniciação a Informática.

No segundo bloco estão a Educação para o Trabalho/Saúde/Proteção à Criança, Adolescente e Família/Difusão Cultural. A Educação para o Trabalho constitui-se de: salas de aula, oficinas, sala de coordenação do núcleo, almoxarifado e sanitários. As aulas oferecidas neste núcleo são estendidas à comunidade. A Saúde/Proteção à Criança, Adolescente e Família possui: consultórios médicos e dentário, todos com sanitário, recepção, espera, sala de coordenação do núcleo, sala de vacinação e pesagem, salas de atendimento especializado e depósito. Os atendimentos são estendidos a comunidade.

A Difusão Cultural é formada por: auditório, depósito, camarim, oficina de artes plástica, sala de música, biblioteca, sala de coordenação do núcleo, sanitários e salas de aula onde funcionam o Período Integral de forma provisória, até a construção de um lugar próprio para o projeto.

No terceiro bloco está a Educação Infantil, que compreende a Educação Pré-Escolar e a Creche, constituindo-se de berçários, com pias apropriadas para higienização das crianças, salas de aula com sanitários e vestiários anexos as mesmas, sanitários e vestiários de funcionários, lactário, refeitório, lavanderia e rouparia, sala de lanche dos funcionários, recreio coberto, playground, parque, depósito, secretaria, diretoria e apoio pedagógico, que atualmente funciona como sala de aula.

Na área de Treinamento Esportivo e Lazer estão: quadra em saibro, salas de coordenação do núcleo e dos professores, depósitos, academia, sanitários e vestiários, ginásio e anfiteatro com arquibancadas

Este espaço é destinado às aulas de Educação Física e Escolinhas de Esporte, treinamentos e festas comemorativas, incluindo as que envolvem a comunidade. Aos domingos e feriados, o ginásio fica à disposição da comunidade.

Recursos Humanos

Composto por 153 servidores assim dispostos:

5 diretoras e diretor; 2 vice-diretoras; 6 especialistas de educação; 10 coordenadores(as); 35 docentes da educação infantil; 06 docentes período integral; 21 docentes anos iniciais; 19 docentes – anos finais; 26 administrativo; 14 servente escolar; 09 tercerizados empresa - Mega JJ.

Dimensão financeira:

A Escola Municipal Aureliano Joaquim da Silva-CAIC é mantida pela Prefeitura Municipal de Ituiutaba, que garante a manutenção da escola na efetivação de despesas relacionadas com as atividades educacionais, tais como: compra de materiais de consumo, gêneros alimentícios para complementação da merenda escolar, materiais de expediente, materiais esportivos, de limpeza, didático, material escolar, reparo no prédio etc.

A escola também recebe a verba do PDDE(Programa Dinheiro Direto na Escola); recurso este que visa garantir uma educação de qualidade para todos, tendo como objetivo principal contribuir para a manutenção e melhoria da infraestrutura física e pedagógica da instituição de ensino. Também contamos com recursos extras de eventos tais como festa junina, bazar etc.

A escola também recebeu uma verba-extra do Plano de Desenvolvimento da Escola (PDE), devido ao baixo desempenho referente ao ano de 2007 de acordo com dados do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb). Para a escola promover os eventos de integração e os eventos sociais, tem que pedir ajuda a comunidade.

Projetos e ações sociais:

Os projetos e ações são divididos nos seguintes subprogramas:

SUBPROGRAMAS E AÇÕES DO CENTRO DE ATENÇÃO INTEGRAL À CRIANÇA E AO ADOLESCENTE – CAIC

Atendendo à filosofia do extinto PRONAICA, o CAIC desenvolve um elenco de subprogramas na Unidade de Serviço. Considera-se tal conjunto necessário para a concepção dos objetivos para o desenvolvimento da Atenção Integral. Haverá para cada subprograma, um Diretor ou um Coordenador de Área que cuidará para o bom desenvolvimento do núcleo sob sua responsabilidade.

SUBPROGRAMA EDUCAÇÃO INFANTIL (CRECHE E PRÉ-ESCOLA)

O subprograma Educação Infantil é integrado pela oferta de serviços de creche e pré-escola para as crianças de 6 meses a 5 anos de idade matriculados na US., em tempo integral ou parcial, conforme as necessidades locais. Funciona também como referencial para os serviços afins localizados na comunidade.

Oferecer serviço de Creche e Pré-Escola atendendo crianças a partir do seis meses até cinco anos de idade, compreendendo guarda, higiene, alimentação, estimulação psicopedagógica e desenvolvimento físico-sensório-motor, intelectual e afetivo.

SUBPROGRAMA ENSINO FUNDAMENTAL

O Subprograma Ensino Fundamental, ao atender o dispositivo constitucional da escolarização obrigatória em nível 1º ano ao 9º não, caracteriza-se como instrumento, por excelência, possibilitador da consolidação e da disseminação dos princípios da Atenção Integral em cada US. Sua concretização se dá pelo desenvolvimento de currículos abertos e flexíveis desenhados a partir daqueles princípios com ênfase no ajustamento às comunidades às quais se destina, em integração com os demais subprogramas. Prioritariamente, atende alunos de 6 a 14 anos, contemplando também atividades voltadas aos jovens e adultos.

Oferecer o Ensino Fundamental a crianças, adolescentes, jovens e adultos, flexível e integrado que privilegie as atividades nucleares (conteúdos mínimos obrigatórios), as complementares (complementação curricular por meio de exercícios, oficinas e laboratórios pedagógicos diferenciados, configurados conceitualmente como “artes práticas”) e as de integração (exercício da articulação dos conteúdos dos diversos subprogramas).

SUBPROGRAMA DA CULTURA

O Subprograma Cultura perpassa e subsidia os demais subprogramas. Tem como eixos principais a leitura sob o enfoque da democratização do acesso ao conhecimento organizado e a biblioteca que extrapola sua utilização pela US, estando aberta à comunidade e se caracteriza como centro de pesquisa, promoção e difusão cultural. Além da leitura e da biblioteca, o subprograma mantém em funcionamento oficinas de música, artes plásticas e cênicas, em permanente articulação com a comunidade.

Promover, difundir e valorizar a cultura universal e local em suas formas de expressão com ênfase nas atividades de leitura, pesquisa e desenvolvimento de projetos e eventos.

SUBPROGRAMA DA EDUCAÇÃO PARA O TRABALHO

O Subprograma preocupa-se com a educação profissional dos adolescentes e tem por objetivo formar uma nova cultura de trabalho e sua prática, como desenvolvimento de valores humanos e aperfeiçoamento individual e social. De acordo com as necessidades da população e o perfil de trabalho local, são desenvolvidas atividades voltadas à iniciação ao trabalho, à formação, à reciclagem profissional e à reconversão produtiva.

Desenvolver ações que estimulem a formação de uma cultura do trabalho e aquisição de habilidades técnicas básicas específicas, conforme as expectativas da comunidade e recursos locais.

SUBPROGRAMA DA ALIMENTAÇÃO

O Subprograma enfatiza a orientação sobre hábitos de alimentação saudável não só às crianças como às suas famílias e à comunidade, estimulando iniciativas de alimentação alternativa (incorporando novos itens ao cardápio para conseguir maior aproveitamento do valor nutritivo dos alimentos), bem como de produção de alimentos em hortas escolares e comunitárias.

Embora definida pelo Subprograma Promoção da Saúde da Criança e do Adolescente, as necessidades nutricionais dos usuários são atendidas por este subprograma que difere do tradicional programa de merenda escolar, indo além da complementação alimentar, oferecendo diariamente, as refeições básicas às crianças e adolescentes matriculados na Unidade de Serviço.

SUBPROGRAMA DE SUPORTE TECNOLÓGICO

Subprograma utiliza-se de recursos de teledifusão, multimeios e informática no âmbito da US, promovendo a mobilização comunitária e atualização tecnológica dos recursos humanos e prestando apoio e assistência técnica permanente ao desenvolvimento das ações.

Prover recursos e meios técnicos (teledifusão, multimeios, informática e outros) para desenvolvimento dos subprogramas, bem como do sistema de suporte técnico, garantindo sua permanente atualização, integração e qualidade.

SUBPROGRAMA DO ESPORTE

O Subprograma Esporte oferece aos usuários da US atividades universais (jogos, danças, ginásticas, brincadeiras, academia, lazer, iniciação esportiva) assim como as escolinhas de Vôlei, Basquete, Futsal, Handebol e Atletismo. O ginásio também está colocado à disposição da comunidade local, onde parceiros podem usá-lo nos dias e horários não letivos. Embora não seja mera proposta de Educação Física, articula com subprograma Ensino Fundamental complementando suas obrigações curriculares nesta área. Oferta e disseminação das práticas esportivas e lúdicas como processo educativo e de lazer.

5.3 Outros aspectos da Escola

Apesar de ser uma escola municipal, de periferia, com poucos atrativos profissionais, há que pese a distância e o risco eminente de violência na localidade e estes não podem ser fatores que poderemos ignorar, pois relaciona diretamente ao perfil que a escola oferece. Há de considerarmos então, uma escola com poucos atrativos profissionais e recursos financeiros, talvez, uma das escolas que apresentem maiores desafios em lecionar e ainda assim, a escola que melhor desempenha o uso das tecnologias a tal ponto de servir de referência para apresentação neste estudo. O que faz desta escola, talvez com os maiores desafios e demandas profissionais, ser a escola que usaremos de modelo? É o que discutiremos a seguir em nossas observações.

Na Escola Municipal Aureliano Joaquim da Silva, trataremos a partir de agora como CAIC, possui apenas um laboratório de informática com aproximadamente 17 computadores em condições de uso. Estes computadores foram provenientes do programa governamental PROINFO, de acordo com Bielschowsky (2009) ações do Proinfo Integrado permitiram a instalação de laboratórios de informática em mais de 70 mil escolas públicas.

No CAIC está instalado apenas um laboratório de informática com 17 computadores, ao passo que nas outras escolas observadas possuíam dois laboratórios em cada escola com média de 20 computadores cada laboratório, ou 40 no total. Todos os computadores no CAIC estão ligados em rede e compartilham um link de internet de baixa velocidade com toda a escola.

Como o software utilizado pela secretaria da escola demanda internet, frequentemente a secretaria para o atendimento e solicita ao professor que está no laboratório não usar a internet com os alunos pois o trabalho da secretaria é prioridade. Fazendo a análise com as outras escolas observadas no período, estas outras possuíam um link de internet para a escola e outro para o laboratório, ambas com capacidade e velocidade de tráfego mais generosas.

Se as outras escolas possuem mais laboratórios de informática, mais computadores em cada laboratório e ainda, internet dedicada aos alunos, então quais seriam as razões de elevar a destaque esta escola com apenas um laboratório pequeno e sem internet dedicada? O principal motivo é que esta, apesar de apenas um laboratório de informática, é a escola que utiliza deste espaço de forma mais aproximada aos fins educacionais. Mais adequada pois outras escola utilizam o laboratório de informática para preencher horário vago, ou como espaço de recreação. Uma utilização muito pobre, convenhamos. Ainda, esta escola, desenvolveu uma sistemática que força o professor a utilizar o computador.

A resposta de como fazer para implementar os recursos disponíveis na escola não é simples. Depende da análise de variáveis e nem sempre a obtenção de uma resposta é certa pois entre as variáveis a destacar o perfil dos alunos e ainda dos professores, mudam sobremaneira o resultado, porém, se refletirmos a prática de um local, podemos imaginar naquela prática algum modo de fazer para outro local. A fenomenologia-existencial é assim, ela vem despir nosso pensamento dos preconceitos e prejulgamentos e buscar naquele fazer o entendimento do motivo, a razão que o leva para um resultado ou para a própria existência composta pelas experiências vividas.

Desta forma, resumidamente, o CAIC oferece cursos de tecnologias para os alunos e professores e ainda, exige que os professores entreguem trabalhos em formato digital. Lógico que a implementação desta exigência foi gradual. Destacamos ainda, esta ser a única escola com professor e assistentes em tempo integral dedicado a tecnologias comparada as demais escolas que vivenciei, inclusive tem um subprograma de Suporte Tecnológico em sua estrutura organizacional, como destacado acima.

Um grande passo, proposto pela escola, é a exigência gradual de entrega, por parte dos professores, de documentos e comunicações em formato digital tipo editor de textos *MS-Word (DOC, DOCX)* ou *Acrobat Reader (PDF)*. Inclusive a escola mantinha servidores dedicados a digitação de provas e trabalhos para impressões e este serviço aos poucos foi suspensos, exigindo que o professor envie os arquivos formatados para o serviço de impressão. Alguns professores relataram que acharam um absurdo esta exigência da escola, principalmente pelo fato deles mesmo não

conseguirem fazer, com isso, além do histórico salário defasado, ainda deveriam pagar para alguém digitar os mesmos.

Entretanto, eles mesmo reconheceram, que apesar do desagradável incentivo receberam um choque, uma demonstração, que as mudanças tecnológicas chegaram, não tem retrocesso. Elas vieram e do ponto que estamos só irão evoluindo. Peixoto retrata em parte a dificuldade que a educação tem vivenciado:

Volto a chamar atenção para a tendência a deduzir que o fracasso no uso das tecnologias na educação se deve à resistência do professor às mudanças. É bastante provável que o conservadorismo esteja presente no imaginário, nas atitudes e nas práticas de nossos professores, mas a identificada "resistência" a inserir as tecnologias em suas aulas também pode conter indícios de reação aos modelos e projetos que lhes são impostos. Por essa razão, as pesquisas sobre a integração das tecnologias às práticas educativas poderiam realizar uma observação e uma escuta mais criteriosa dos professores. (PEIXOTO, 2015, p. 3)

Concordamos em parte com a citação, em parte pois ela expõem que seja um fracasso o uso das tecnologias na educação, não vejo por esse lado. Como argumentamos, creio em Heidegger, quando diz que a técnica desvencilha o indivíduo, no sentido do desvelamento, ou, a técnica ser a própria extensão do indivíduo. A falha está no homem, que não sabe usar a tecnologia e assim, concordamos com a autora quando ela refere a resistência do professor.

O atraso do avanço da educação, na era tecnológica, se dá por isso, pela resistência do professor em usar as tecnologias. Mas como iremos cobrar de uma pessoa aquilo que ela não possui vivência, não usou estas ferramentas e quem sabe, nem usa em seu cotidiano. Ainda, concordando com Peixoto, as pesquisas sobre integração de tecnologia a práticas educativas deveriam escutar mais os professores.

Com isso, outro acerto intuitivo da escola foi ofertar curso de informática para alunos e professores. No início, o curso foi aberto a toda comunidade, escolar ou não, já que a realidade da escola é a de estar inserida numa comunidade de baixo poder aquisitivo. Os alunos do curso integral poderiam fazer informática na extensão do turno e os demais alunos no contraturno. Não existem muita procura da comunidade pelo curso, algum pai ou outro apenas. Com isso, professores que enxergaram a possibilidade de fazer informática dentro da própria escola,

propuseram abrir uma turma no horário da reunião de Módulo II⁸, que foi aceito pela direção. Este horário seria apenas para professores, eles mesmo se organizaram por afinidade, uma turma básica e outra turma elementar.

A turma básica destinada a professores que já possuíam alguma habilidade em informática, ou seja, já conseguiam executar algumas coisas. Esta turma recebeu instruções de Informática Básica, *Windows 7*, *MS-Word 2010*, *MS-Excel 2010*, *MS-Power Point 2010* e *Windows Movie Maker*. Informática básica são aulas com exposição e discussão de nomenclaturas básicas da informática, história da evolução dos computadores, unidades de medidas de memória, bem como definição de conceitos como bit e byte e por fim, definições de processamento e suas unidades de medidas). *Windows 7*, utilização básica e uso do mouse, funções básicas de configuração do *Windows* e área de trabalho além de alguns acessórios como *PAINT* e *Windows Explorer*.

Nas instruções de *Word* a abordagem foi prática, com muitos exercícios de manipulação de imagens, tabelas, colunas e formatação de parágrafos. O *Word* foi quem dispensamos maior carga horária, reproduzindo jornais, trabalhos disponibilizados na internet por outros professores (levávamos um trabalho impresso e eles tentavam reproduzir usando os recursos do *word*). No curso de *Excel* apresentamos o básico, criando tabelas simples e construindo fórmulas menos complexas e ainda a construção de gráficos. No curso de *Power Point* também foi uma apresentação breve, e encantadora, elas adoraram os recursos do *Power Point*

⁸ Atividades Extraclasse - Módulo II - As reuniões de atividades extraclasse, de caráter coletivo, também chamadas de reuniões de Módulo II, conforme instrui o Ofício Circular GS Nº 2663/16 são de cumprimento obrigatório pelos professores e devem ser programadas pela Direção Escolar, em conjunto com os Especialistas de Educação Básica, para o desenvolvimento de temas pedagógicos, administrativos ou institucionais de forma a atender às diretrizes do Projeto Político Pedagógico. Assim, o planejamento e a avaliação do processo de ensino e aprendizagem são temas importantes e fundamentais para serem discutidos no cumprimento das horas destinadas às reuniões de caráter mais coletivo, ou seja, reuniões com os todos os professores e demais profissionais da escola envolvidos no processo de ensino e aprendizagem. É aí que surge o papel de formador do coordenador pedagógico, que se torna imprescindível para orientar esse processo. Para desenvolvimento de algumas ações conjuntas com os professores como auxílio na elaboração de planos diários, projetos pedagógicos ou atendimento individualizado poderão ser aproveitados os horários vagos, entre uma aula e outra, bem como o período entre trocas dos turnos, com o gerenciamento da Direção da Escola. Lembrando que nenhuma estratégia utilizada para cumprimento da carga horária das atividades extraclasse desobriga o professor de participar das reuniões coletivas de até 2h semanais programadas pela escola e que podem ser acumuladas para utilização dentro de um mês. (fonte: <http://escoladeformacao.educacao.mg.gov.br/index.php/21-portal-especialista/em-foco/98-atividades-extraclasse-modulo-ii> acesso em: 12/06/2018)

e por fim, *Windows Movie Maker*, foram apenas duas aulas, montaram um filme com as fotos da escola e colocaram fundo musical com legenda. Todo o curso teve duração de aproximadamente dois semestres letivos, com dois encontros semanais de uma hora e meia cada encontro.

A turma elementar foi composta por professores sem nenhuma intimidade com a informática e alguma resistência ao uso das tecnologias. Esta turma tinha apenas um encontro semanal de 2 horas e o curso durou dois semestres letivos e foi bem elementar. A primeira aula foi apenas ligar e desligar o computador, entender os cabos que ligam, como chega a energia, chave de fonte, botão de monitor, led de teclado e mouse, ficamos ligando e desligando várias vezes e conversando sobre a computação. Aula seguinte foi usar o mouse, pegamos e ficamos brincando, e também desligando corretamente o computador, pelo Windows. Aulas seguintes foram de Windows, bem elementar, abrir janelas, minimizar, restaurar, maximizar, explorar alguns menus e jogos do próprio Windows, como damas e paciência. O foco era acolher aqueles “desgarrados” e mostrar que nada de “extra terrestre” aconteceria. Foram aulas com muitas conversas, risadas, acolhimento e comandos básicos de Windows.

Após as aulas de janelas, configurações básicas, como plano de fundo, proteção de telas, relógio, calculadora... até que, sentindo o momento ser seguro, iniciamos aulas de MS-WORD 2010, com digitações simples e textos básicos, inserindo aos poucos alguns recursos.

Esta turma relatou em sala que estavam ligando o computador em casa, já estavam jogando, mexendo na internet e que superaram de certa forma a barreira que os obstruíam a ligar o computador, as vezes por medo pois era desconhecido, além das constantes reclamações dos moradores da casa que a vó iria estragar o computador. Certa vez, uma professora relatou no curso que respondeu a provocação: “o computador é meu, comprei no plano pró-professor em 24 vezes, se eu quiser estragar eu posso!”. Mas estes eram indivíduos que já haviam tentado a informática, e voltaram da tentativa desanimados e agora, após este curso desenhado para eles, estavam usuários mais “descolados” em tecnologias. Eles, durante o curso, já conseguiam entregar os arquivos digitais de suas provas para impressão.

Foi um grande salto. Talvez este tenha sido o maior avanço da escola. Eu creio que existe um ranço, resultante da imposição social e profissional em usar as tecnologias e a resistência do professor em não querer utilizar. Este curso resultou na queda desta barreira, despertou no professor da escola o desejo pela tecnologia, ele sentiu-se seduzido pelas suas múltiplas possibilidades e passou a usar este recurso em sua vida profissional e pessoal. Houve o relato de outra professora, que numa das aulas de word, onde manipulávamos figuras e criávamos objetos de desenho, que a professora visualizou um uso da ferramenta e levou os seus alunos para o laboratório de informática, culminando aqui nossa reflexão, que o indivíduo tem que ter na técnica uma extensão de seu próprio fazer.

O terceiro item, mas não menos importante, talvez seja até o mais importante, esta escola possui uma professora e dois assistentes dedicados a tecnologias. Eles são responsáveis pelo laboratório, impressões e recursos digitais de toda a escola, inclusive o suporte técnico para toda escola também. Por ter um setor dedicado há planejamento de recursos, de uso do laboratório e a oferta dos cursos relatados acima. Os computadores apresentavam muitos problemas de uso, necessitando suporte da Superintendência Regional de Ensino (SRE) que era demorado e pouco eficiente. O sistema operacional original destes computadores era LINUX EDUCACIONAL 5.0, porém a própria assistência técnica da SRE tinham dificuldades em solucionar alguns problemas e a escola ao buscar ajuda fora, com outros técnicos, também não conseguiam assistência.

Este fato faz com que alguns diretores tenham resistência em emprestar o laboratório para os professores, pois se estragar não terão como arrumar, ainda, torna alguns computadores inabilitados para o uso diminuindo a oferta deste potencial tecnológico. Com isso, a equipe reuniu e após entendimento, leia-se desentendimento, com a SRE, formataram todas as máquinas e instalaram o sistema operacional Windows 7, assim, os próprios servidores da escola conseguem resolver os problemas gerados pelo mal uso ou configurações do computador, quando não conseguem, facilmente encontram algum voluntário ou mão-de-obra mais atrativa para solucionar.

O risco disto, ter mudado o sistema operacional padrão, a SRE determinou que não realizassem mais manutenções naquela escola, pela mudança do sistema,

porém, na prática isso quase nada refletiu. Pelo contrário, na prática, não existem mais os problemas que antes não eram solucionados. Na prática a predisposição em usar o laboratório é muito maior, tanto pelo Windows 7 ser um sistema operacional mais amigável e utilizado pela maioria, assim, os professores conseguem levar os recursos para o laboratório.

Acontecia que os professores usavam alguma ferramenta computacional, copiavam no *pendrive* e chegava no laboratório era impossível o uso, pois a escola é LINUX e nas casas WINDOWS, esta diferença de sistemas era outro empecilho para o uso do laboratório, além de aplicativos como Word, Excell, Power Point não existirem para LINUX e assim gerava animosidade além de desestimular o uso.

Nas outras escolas com sistema LINUX além de possuírem computadores aguardando suporte técnico, pouco eficiente diga-se de passagem, os diretores resistem em não usar este espaço, pois se usa estraga e se estraga dificilmente conserta. Esta dificuldade foi vencida, com a troca do sistema operacional e com a dedicação de um professor para o suporte técnico.

Pela escola ter um professor referência, desperta em outros professores a vontade de usar o laboratório e logo sabem com quem devem conversar, ainda, faz sugestões de uso e auxilia na aplicação das atividades para os alunos. Ter um professor referência para a direção da escola trouxe também comprometimento. A direção cobra resultados e uso dos laboratórios, fazendo com que este professor também procure outros para ofertar o uso do recurso e ainda, como aconteceu, disponibilize cursos de informática para alunos e professores. Creio que o grande diferencial desta escola, partiu daqui, da designação de um professor-referência e da coragem em sistematizar algumas pequenas revoluções, como cobrar arquivos digitais e mudar o sistema operacional dos computadores para outro mais popular.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A tecnologia não é boa e também não é má; ela é uma extensão do fazer humano. Cada *dasein* percebe o mundo e faz dele o seu campo de transformações íntimas. Sua circunspeção e o desejo em relacionar com as ferramentas tecnológicas determinarão sua prática com o mundo, podendo ser adequada ou não. O papel que a tecnologia vem desempenhando na sala de aula ainda é muito tímido se compararmos ao que desempenha na vida das pessoas.

A dose de tecnologia que a sociedade pode suportar está longe de ter chegado ao fim. Entretanto, pode surgir um ponto de saturação por parte da sociedade. Quem viaja para Europa, observa que o carro que foi uma paixão nas décadas anteriores, já não fascina mais. Ele continua sendo um objeto útil, sem dúvida, mas estacionado na rua sob as intempéries do tempo. Em Londres, a circulação de um carro no centro triplica o valor do IPVA. Desse modo, a população prefere o transporte coletivo de qualidade.

A INTERNET também será reavaliada pelos seus usuários. Ela, se usada sem uma dependência digital, oferece uma enorme riqueza ao seu usuário. Mas ela deve ser estacionada na calçada da necessidade. Surpreendeu-me recentemente o fato do linguista norte-americano, Noam Chomsky, com 90 anos e ainda ativo no campus da Universidade do Phoenix, Arizona, não utilizar o celular (EL PAIS, 2018). Com mais de 50 livros publicados e sendo um ativista político, ele resolveu controlar seu tempo público.

O anseio pela tecnologia passará e as pessoas utilizarão somente aquilo que lhes for necessário. É nesse momento que Martin Heidegger tem razão, pois esse tempo coincide com o conhecimento da tecnologia e de seu uso. A maturidade tecnológica ainda não foi alcançada pelos usuários e Nicholas Carr pode estar na nuvem que ele próprio criou no MIT, quando disse que a INTERNET nos faz idiotas.

REFERÊNCIAS

ABRÃO, Ruhena Kelber; ADAMATTI, Diana Francisca. **As novas tecnologias da informação e comunicação e a atividade experimental no ensino de ciências**. Revista Linhas. Florianópolis, v. 16, n. 31, p. 305 – 324, maio/ago. 2015.

ALVES, Nilda. **Tecer conhecimento em rede**. In: ALVES N. e GARCIA, R, L. (Orgs). O sentido da escola. Rio de Janeiro: DP& A, 2008.p .91-100.

BIELSCHOWSKY, Carlos Eduardo. **Tecnologia da informação e comunicação das escolas públicas brasileiras: o programa Proinfo Integrado**. Revista Científica e-curriculum, v. 5, n. 1, 2009.

BRUYECKER, Pedro De et al. **What Teachers Should Know. Technology in Education**. Spring, 2016, p. 12-43.

CAIC ITUIUTABA BLOG. Disponível em: <http://caicituiutaba.blogspot.com/>. Acesso em 21/06/18

CAIC ITUIUTABA. FACEBOOK. Disponível em: <https://www.facebook.com/Caicituiutaba/photos/a.150012061809661.47270.150009978476536/150012071809660/?type=1&theater>. Acesso em 21/06/2018

CAIC VOLTA AS AULAS. G1. Disponível em: <http://g1.globo.com/minas-gerais/triangulo-mineiro/noticia/2015/01/escolas-sao-preparadas-para-volta-aulas-em-ituiutaba.html>. Acesso em 21/06/2018

CARR, Nicholas. **The Shallows: what internet is doing to our brains**. Disponível em <https://www.goodreads.com/book/show/9778945-the-shallows>, acesso em 24 de março de 2018.

CASANOVA, Marco Antônio. **Compreender Heidegger**. 3. ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2012.

CASTELS, Manuel. **A Sociedade em Rede**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

CHOMSKY, Noam Avram. Entrevista com Chomsky em 16/03/2018, **El Pais**, disponível em www.elpais.com.br, acesso em 25 de março de 2018.

Critelli, Dulce. **Analítica do Sentido: Uma aproximação e interpretação do real de orientação fenomenológica**. São Paulo: EDUC / Brasiliense, 1996.

_____. **História Pessoal e Sentido da Vida – Historiobiografia**. São Paulo: EDUC, 2012.

CYSNEIROS, Paulo Gileno. A máquina das crianças, numa escola com/sem futuro. **Revista FACED**. Salvador, v. , n. 12, p. 227 – 231, jul/dez. 2007.

Descartes. Tradução de Ethel Rocha e Lia Levy. Porto Alegre: Penso, 2011.

DUARTE, André. **Heidegger e a possibilidade de uma antropologia existencial**. Nat. hum., São Paulo , v. 6, n. 1, p. 29-51, jun. 2004.

FRANZ BRENTANO. WIKPÉDIA. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Franz_Brentano. Acesso em: 16/06/2018

GALLO, Silvio. **Filosofia: experiência do pensamento**. São Paulo: Scipione, 2013.

GATTI, Bernadete. A construção metodológica da pesquisa em educação: desafios. **RBPAE** - v. 28, n. 1, p. 13-34, jan/abr. 2012. Disponível em seer.ufrgs.br/rbpae/article/view/36066

_____. **Nossas faculdades não sabem formar professores**. Disponível em <http://epoca.globo.com/educacao/noticia/2016/11/bernardete-gatti-nossas-faculdades-nao-sabem-formar-professores.html> Acesso em 16/11/2016

GATTI; Bernadete; ANDRÉ, Marli; ETAL. **Políticas docentes no Brasil: um estado da arte**. Brasília: UNESCO, 2011.300 p.

GADAMER, Hans. A Hermenêutica. Petrópolis: Editora Vozes, 2008.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar Projetos de Pesquisa**. 4. ed. São Paulo:Atlas, 2002. 175 p.

GOMES, Maria Rosilene Maues. **A formação continuada de professores e as tecnologias midiáticas na escola**. SBEC, v. 20, n. 03, 2012.

HARARI, Yuval N. **Uma Breve História do Homo Sapiens**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

_____. **Homo Deus**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

HEIDEGGER, Martin. **Conferências e escritos filosóficos**. Tradução, introduções e notas de Ernildo Stein. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

_____. **Carta sobre o Humanismo**. Petrópolis: Editora Vozes, 2008.

_____. **Introdução a Metafísica**. 2. ed. Tradução de Carneiro Leão. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1969.

_____. **Ser e Tempo**. Tradução de Fausto Castilho. Campinas: Editora da UNICAMP, 2016.

HUSSERL, Edmund. **Ideias para uma Fenomenologia Pura e para uma Filosofia Fenomenológica**. 2. ed. Tradução de Márcio Suzuki. Aparecida, SP: Ideias e Letras, 2006.

LESSA, Sergio. **Um pouco de técnica**. In: O revolucionário e o estudo. Por que não estudamos? São Paulo: Instituto Lukács, 2014, p. 67-76

MARCELO, Carlos. Las tecnologías para la innovación y la práctica docente. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro, v. 18, n. 52, p. 25 – 47, jan/mar. 2013.

MARTINS, Joel *et al.* **Temas Fundamentais de Fenomenologia**. São Paulo: Moraes, 1984.

MENEZES, Ebenezer Takuno de; SANTOS, Thais Helena dos. **Verbetes PRONAICA (Programa Nacional de Atenção à Criança e ao Adolescente)**. Dicionário Interativo da Educação Brasileira - Educabrazil. São Paulo: Midiamix, 2001. Disponível em: <<http://www.educabrazil.com.br/pronaica-programa-nacional-de-atencao-a-crianca-e-ao-adolescente/>>. Acesso em 11 de jun. 2018.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. São Paulo: Companhia do Livro, 2010.

MÓDULO II – EDUCAÇÃO MG. Disponível em: <http://escoladeformacao.educacao.mg.gov.br/index.php/21-portal-especialista/em-foco/98-atividades-extraclasse-modulo-ii>. Acesso em: 12/06/2018

MORAN José. **Mudar a forma de ensinar e de aprender**. Disponível em www.eca.usp.br/prof/moran/site/textos/tecnologias_educacao/uber.pdf

NIETZSCHE, Friedrich. **A Vontade de Poder**. São Paulo: Zahar, 1984.

NUNES, Benedito. **Heidegger & Ser e Tempo**. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

OBJETOS EDUCACIONAIS MEG. Disponível em: <http://objetoseducacionais2.mec.gov.br/>. Acesso em 20/06/2018

OWENS, David. **O Uso Cartesiano da Dúvida**. In: BROUGHTON, Janet *et al.* (Orgs.)..

PAIVA, VLMO de; MO, A. **A formação do professor para uso da tecnologia. A formação de professores de línguas**. Novos Olhares, v. 2, p. 209-230, 2013.

PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. **Entrevista com Zigmunt Bauman**. Tempo Soc. vol.16 no.1 São Paulo, June 2004. Disponível em www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20702004000100015

PINKER, Steven. **Mind Over Mass Media**. New York Times, June 10, 2010.

PORTELA, Patrícia de Oliveira. **Apresentação de trabalhos acadêmicos de acordo com as normas de documentação da ABNT: informações básicas**. Uberaba: Universidade de Uberaba, Biblioteca Central, 2015.

PRENSKY, Marc. **Brain Gain: Technology and the Quest for Digital Wisdom**. Nova York: Palgrave Macmillan, 2012.

_____. Digital Natives, Digital Immigrants. **On the Horizon**, v.. 9 no. 5, 2001, 1-6.

PROGRAMA MAIS EDUCAÇÃO. MEC. Disponível em:
<http://portal.mec.gov.br/programa-mais-educacao>. Acesso em 28/09/2018

RICOEUR, Paul. **The Symbolism of Evil**. Nova York: Pinguin Books, 1978.

SAFRANSKI, Rüdiger. **Heidegger: um mestre da Alemanha entre o bem e o mal**. Tradução de Lya Luft. São Paulo: Geração Editorial, 2005.

SALANSKIS, Jean-Michel. **Heidegger**. Tradução Evando Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 2011.

SARTRE, Jean-Paul. **O Ser e o Nada**. São Paulo: Livraria Cultura, 2015.

SCHWAB, Klaus. **A Quarta Revolução Industrial**. São Paulo: Livraria Cultura, 2017.

SIBILIA, Paula. **Redes ou paredes: a escola em tempo de dispersão**. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

SPARROW; ETAL. **Google Effects on Memory: Cognitive Consequences of Having Information at Our Fingertips**. Science 333 no 6043 August, 2011, 776-778.

STEIN, Ernildo. **Pensar e Errar: um ajuste com Heidegger**. Ijuí: UNIJUI, 2011.

UNESCO. **Alfabetização midiática e informacional (MIL)**. Disponível em:
<<http://www.unesco.org/new/pt/brasil/communication-and-information/access-to-knowledge/media-and-information-literacy/>> Acesso em 14 abr. 2016.

_____. **Sociedades do conhecimento**. Disponível em:
<<http://www.unesco.org/new/pt/brasil/communication-and-information/access-to-knowledge/knowledge-societies/>> Acesso em 14 abr. 2016.

_____. **TIC na Educação do Brasil**. Disponível em:
<<http://www.unesco.org/new/pt/brasil/communication-and-information/access-to-knowledge/ict-in-education/>> Acesso em 14 abr. 2016.

APÊNDICE A – MITOS SOBRE A TECNOLOGIA E SEUS EFEITOS NA EXISTÊNCIA

“Se tiver o hábito de fazer as coisas com alegria, raramente encontrará situações difíceis.”

Robert Baden-Powell

Utilizando a base ontológica de Heidegger (2016), quatro questões apresentadas por De Bruyeckere *et al* (2016), são analisadas na sequência. As tecnologias tornaram-se conquistas, mas, ao mesmo tempo, motivo de controvérsias. Nesse contexto de ambiguidade, de incerteza e de substituição do ser humano pela técnica, a educação não pode se esquecer de seu papel crítico.

Essa seção da dissertação, pela importância da desconstrução e da crítica de alguns mitos da tecnologia, servirá de **produto final**, a ser apresentado e discutido na escola que se tornou alvo de estudo de caso (Cf. p. 65).

MITO UM - AS NOVAS TECNOLOGIAS ESTÃO REVOLUCIONANDO A EDUCAÇÃO

As novas tecnologias estão impulsionando nossas vidas. Hoje não é mais possível pensar no cotidiano sem o uso do *smartphone*; mais ainda, não conseguimos viver sem a internet. A queda da mesma paralisa o trabalho de grandes organizações, pois elas se renderam ao uso desta tecnologia. Paralisam-se o atendimento dos bancos, órgãos governamentais, e pasmem, até o atendimento médico. Hoje é impossível viver sem a internet e os computadores. Essa imersão nas novas tecnologias atingiu os níveis escolares.

Muitas escolas estão munidas de laboratórios de informática, aparelhos televisores de última geração, salas com recursos de vídeo e som e até mesmo, lousas digitais. Boa parte dos alunos chega preparada, possuindo *l-phones*, celulares de última geração, tablettes e até notebooks. Mais ainda, conectados em tempo real com os demais colegas e com o mundo.

Mas, essa fascinante imersão tecnológica não foi suficiente para revolucionar a educação! Assim perguntamos: como esta tecnologia que revolucionou o mundo não revolucionou o modo de ensinar? Para esta resposta, voltamos ao pensamento de Martin Heidegger.

Heidegger (2016) adverte que o predomínio da técnica levou *Dasein* a se dispersar em sua existência. A ambiguidade da técnica favorece usar a internet e ser usado pela rede social. Quando nos cercamos de perguntas sobre os mesmos porquês (por que faço isso, por que faço aquilo, por que deste jeito), elas nos levam a uma causa, e esta causa, ou a resposta de nossos porquês, está relacionada com a tecnologia. Esse simples exemplo mostra que a tecnologia não é a porta, mas sim a razão, ou a motivação.

Parece estranho pensar que estamos vivendo em razão da técnica. Heidegger (Ibidem) adverte que essa é a própria vocação do Ocidente. A técnica não é o conjunto de aparelhos ou aparatos eletrônicos, mas sim toda modificação do fazer ou do agir humano. Ao pensarmos que a técnica seja o aparelho que utilizamos, cometemos um erro. A técnica está além disso; ela é a forma do descobrimento feito pelo homem.

Critelli (2012), ao falar da eletricidade, mostra que ela sempre existiu como potencial, mas tornou-se realidade, quando ela foi desvelada. Podemos assim entender que os rios já seguiam seus cursos, até que o homem enxergou na força da queda d'água um trabalho de geração da energia. Esse desvelamento, essa descoberta ou o fazer advir, é a técnica. Os aparelhos tecnológicos são concretizações de possibilidades disponíveis, para facilitar a existência de *Dasein*. A técnica é aquilo que *Dasein* chama à existência.

Para Heidegger (2016), *Dasein* começou tudo, calculando a natureza. Por ser a técnica aquilo que ele desvela na natureza, ele começa a enxergar coisas. Por exemplo, ver nas árvores não a essência delas, mas sim a possibilidades da madeira como móveis, tábuas, esteios. *Dasein* enxerga nos rios o potencial de gerar energia elétrica.

Quando olhamos algo, não enxergamos sua essência e sim seu potencial de produção. O Ser das coisas e dos fatos do mundo perde-se com facilidade. *Dasein* se envolve com o mundo e se esquece daquilo que constitui os objetos e fatos. O

Ser dos fatos e objetos do mundo depende de *Dasein*. Entretanto, houve uma inversão, pois o Ser deles virou contra o Ser de *Dasein* que é aquele que lhes concede o Ser (sentido).

A cada dia, *Dasein* está mais robotizado. Em sua existência, ele se distraiu com aquilo que cria. O valor foi para as coisas e abandonou os *Mitseins* (Ser um com o outro). Vivemos de forma submissa, sob princípios aplicados às máquinas, como se também fôssemos máquinas. Schwab (2016) descreve em a quarta revolução tecnológica, mostrando as consequências dela na vida individual e social.

As pessoas não trabalham mais para pessoas, pois elas têm como padrão uma máquina, ou melhor, um software. Como exemplo, o Uber (a maior empresa de táxis do mundo), sem possuir um veículo, domina o serviço de táxis. O *app* designa clientes, aplica rotas e dita o preço a ser cobrado. Pessoas para trabalharem no Uber, fazem um cadastro no *app* e já começam. Heidegger alerta que não adianta tentarmos frear o avanço tecnológico ou sermos contra o⁹ Uber ou qualquer outra técnica, pois estes vêm ao encontro de necessidades do *Dasein* e de nossa sociedade, aliás, nascem desta necessidade (fenômeno).

Também estão disponíveis aplicativos que alugam um imóvel a para outros, sem contato humano. Ou que fazem empréstimos de dinheiro sem intermédio de bancos. Caminhamos para um tempo, em que as próprias roupas serão impressas em casa, em impressoras 3D. Nossos carros terão uma tecnologia própria, a 4D, por meio da qual os veículos consertarão a si próprios.

Estamos, a cada instante, subtraindo o indivíduo e inserindo máquinas. A mudança é ontológica, pois *Dasein* está perdendo seu poder de dar sentido para o mundo. Ele esquece-se do interesse de perguntar, questionar as aparências.

Apesar da grande quantidade de *softwares* educativos existentes e da potencialidade que eles oferecem, a escola não mudou. Ela é um reflexo da sociedade e não pode ser considerada um mundo à parte. Nas salas de aula, ainda é comum, aulas expositivas com livros e quadro negro. Algumas escolas em Ituiutaba já instalaram *data-show*, sistema de som e lousa virtual na sala de aula, porém, o professor não consegue incorporar estes recursos a seu favor e frequentemente

⁹ Pronome masculino "o" pois é um aplicativo.

alunos relatam que preferiam a aula tradicional, talvez pelo insucesso que é um professor em não conseguir usar os recursos.

Na visão de Martin Heidegger, a sociedade enxerga as possibilidades, só que o primordial agente facilitador destas potencialidades, o professor, tem feito isso de forma artificial e até forçada. O fazer do professor associado a técnica deveria ser natural como se fosse mais um braço ou outra extensão de seu corpo. O professor tem que pensar de forma diferente, tem que pensar de forma tecnológica e ver as aplicações nas oportunidades, se não o fracasso é um fardo quase certo.

Para Sibilia (2012), a escola deve mudar e alcançar a modernidade. De fato, vivemos no Brasil um modelo escolar, criado há centenas de anos. Por que a escola teima em se manter no passado? Qual a razão, senão a econômica, para não incluir o celular no processo pedagógico? Vale lembrar que os *smartphones* tornaram-se populares com o sistema da *Google Android* e *IOS (i-phones da Apple)* a partir de 2007, estando nas mãos de praticamente todos os alunos.

Os alunos até podem desejar a mudança, pois apreciam a técnica. Mas os professores não teriam dificuldades para transferir a técnica para sua prática. Segundo Heidegger (2016), a técnica deveria vir naturalmente; ela seria parte, uma extensão, do professor. O professor tem procurado disponibilizar a técnica, mas nem ele mesmo consegue acompanhar a técnica que se tornou veloz e difícil de ser acompanhada.

MITO DOIS - A INTERNET ESTÁ NA SALA DE AULA, PORQUE É UMA TENDÊNCIA UNIVERSAL

A internet não é mais uma tendência. Ela é uma realidade consolidada em nossos cotidianos, inclusive permanente na prestação de serviços empresariais. No passado, a comunicação por meio do aparelho de FAX que revolucionou e hoje nem é reconhecida pela sociedade mais jovem.

Durante séculos, os mensageiros portavam mensagens e a profissão era valorizada. Com a chegada do telégrafo, as mensagens eram transmitidas, por meio de ondas, a longas distâncias e assim, as mensagens chegavam de forma rápida e

eficaz. O serviço de CORREIOS até hoje é portador da nomenclatura CORREIOS E TELÉGRAFOS, mas este último, foi deixou de ser.

Com a popularização dos aparelhos de FAX esse serviço desapareceu. Hoje o próprio aparelho de FAX tornou-se peças de MUSEUS. Se os aparelhos de FAX conseguiam comunicar entre si, a internet, fez que qualquer dispositivos conectado a rede pudesse comunicar. São computadores, celulares, tabletes e ainda, sensores ou microchips, com poder de conexão a internet e envio de mensagens.

Dessa forma, a internet consegue conectar tudo e todos em uma única rede, fazendo de serviços essenciais como o próprio CORREIO sofresse uma reformulação em seu modelo de negócio. Por meio da INTERNET, documentos, fotos, vídeos e áudios são compartilhados.

Podemos jogar, compartilhar a tela de um computador, projetar a tela de um celular em outro dispositivo e até mesmo emulamos serviços de telefonia, rádio e TV. Por todas estas possibilidades, a rede mundial já é uma realidade no cotidiano das pessoas. Mesmo as empresas integram-se com fornecedores, bancos e governo. A emissão de uma Nota Fiscal de Vendas/Serviços é emitida e validada pelo sistema do Estado, usando para tal a rede mundial.

A internet é tão versátil que tombou o uso de enciclopédias, gramáticas, dicionários e ainda possibilitou as vídeos aulas, em tempo real, ou gravadas. Estão disponíveis aulas sobre diversos assuntos, gravadas em forma de animações, filmes, ou até mesmo as aulas expositivas e clássicas.

A impressão é de que, através do **www**, acessamos um mundo de conhecimentos e possibilidades. Por essa razão, perguntamos, o professor será substituído? Podemos viver a guerra fria, ou os cenários da Segunda Guerra Mundial, visitar Museus, Parques, ou viajar dentro de um corpo humano, ainda, rotacionar qualquer objeto matemático, até os abstratos, e simular os efeitos do sol e da lua em nosso planeta.

Apesar desse avanço e da popularização na internet, ela não chega em nossas salas de aula. O maior problema apontado pelas pesquisas é que não existe um uso estruturado ou racional para a internet. Ela está presente, cativa os alunos, mas a forma de usar é primitiva.

Quase sempre o uso é aleatório, sem planejamento, não atinge os objetivos propostos. De fato, os alunos já chegam motivados e até impulsionados pela internet, mas se o uso é errado e não planejado para um período ou conteúdo, de forma contínua, não raro os próprios alunos refugam esta prática para o ensino.

Este fato, como argumenta Heidegger (2016), a ciência pode não ser conhecimento. Como “pseudosaber”, entendemos a internet como algo externo à existência de *Dasein*. Aquele que produz o sentido de tudo renuncia a essa tarefa, deixando a tarefa para a técnica executar.

Muitos professores aprenderam um tipo de prática de ensino e querem adaptar o mundo atual para ela. Como Heidegger (2016) mostra, não devemos regular a natureza, manipulando, dominando, para chegar naquilo que eu acho certo (induzido). A técnica não é manipuladora, ela é fervescente e surge naturalmente. Por essa razão, deve haver uma mudança de comportamento, até mesmo de pensamento.

O professor precisa pensar tecnicamente. A partir daí, deve enxergar dentro dele as possibilidades e não o inverso. Buscar na técnica não uma solução para seu problema, mas sim mudar sua forma relacionar com o mundo. Essa mudança de atitude permitiria a mudança de conduta do professor

Martin Heidegger utiliza o termo *Gestell* (provocação, ou o que provoca), para dizer que deixe de ver o que é, para ver o que pode ser. Seria olhar uma árvore que acabou de cair e enxergar nela mourão de cerca, tampos de mesa e pranchas ao invés de apenas uma árvore que caiu, ou, olhar na internet e naturalmente ver as possibilidades que ela traz ao contrário de entrar na internet e procurar uma solução momentânea para seu problema. No exemplo da árvore caída, a pessoa vê o tronco e produz as possibilidades.

Mesmo que não necessite, vai guardar as pranchas e mourões; quando precisar, vai usar seus artefatos preparados. Professores são assim, quando usam uma rede social já pensa nas possibilidades com alunos, vê um filme, uma animação, um novo *app* e até mesmo uma propaganda e enxerga naquilo as possibilidades para sala de aula.

O professor desinformado, ao planejar sua aula, sai em busca da internet como alguma coisa que possa preencher, tampar uma necessidade, e isso não tende a dar certo. Mas a técnica não é isso, segundo Martin Heidegger, não é algo que se busca e sim aquele conhecimento que você já possui e ao planejar uma aula a ideia surge, emerge de fato, do seu pensamento. Algo que já existia e surgiu para ser usado. Os alunos gostam das tecnologias, quando são aplicadas naturalmente, pois da forma que têm sido utilizadas, elas alienam.

MITO TRÊS - OS NATIVOS DIGITAIS REQUEREM OUTRO TIPO DE EDUCAÇÃO

Nativos digitais são termos empregados, para definir a geração “conectada”. Aqueles que nasceram após a popularização dos computadores pessoais e internet, ou, após 1998. Remete a grande parte dos jovens e crianças que desde a infância tiveram contato com computadores, celulares e outros aparatos. Este termo foi utilizado pela primeira vez por Mark Prensky (2001), o qual acreditava que estas pessoas possuíam habilidades naturais para o uso das tecnologias, comunicação e o uso de informações, de maior receptividade para o uso de novidades digitais assim como um aprendizado mais fácil e fluído para estas.

Os adultos que não nasceram “conectados”, ainda segundo Prensky (2001) são chamados de imigrantes digitais e acreditavam a estes maior dificuldade para o uso das novas tecnologias. Este termo não é mais utilizado e deve ser evitado, pois estudos recentes Prensky (2012) demonstraram que o fundamento é inadequado, apesar dele ter se tornado popular.

Apesar do termo estar em desuso pela fundamentação do mesmo, os jovens de hoje possuem maior habilidade para o uso em maior quantidade e variedade de tecnologias, e as utilizam para se comunicarem, aprender e se informarem a respeito do que acontece em sua comunidade e no mundo e o mais interessante é que estas pessoas foram treinadas para o uso das tecnologias da forma que as utilizam, parecem que o fazem de forma natural. Vale lembrar aqui Heidegger (2016), quando

afirma que a técnica seja advinda naturalmente, mas não forçada ou induzida e sim apresentada como se fosse uma extensão do ser.

Para Prensky (2012) a geração atual é consumidora e não geradora de tecnologia. Muitos alunos muitas vezes não possuem informações básicas para o uso de computadores, como a suíte do office (*Word, Excell, Power Point, Access*). Eles usam majoritariamente as redes sociais e visualizações de notícias ou pesquisas. No caso, as tecnologias passam a ser um instrumento por meio do qual veem o mundo.

Na pesquisa de (ABRÃO & ADAMATTI, 2015) relata que esses alunos preferem que os professores usem a forma tradicional de ensino, pois sentem na prática pedagógica de alguns um obstáculo para “emplacar” a tecnologia, tornando assim a aula sem nexos, ou fundamento, quando se trata do programa curricular. Talvez eles possam no futuro, caso optem pela docência, serem professores preparados para o uso tecnológico em sala de aula pois a técnica é natural para eles.

De acordo com Heidegger (2016), estamos sempre nos olhando, nos enxergando no mundo. Desejamos manipular e controlar os acontecimentos e as pessoas ao nosso redor, para que sejam aquilo que queremos que eles sejam. Assim estamos sempre movimentando, sem nos preocupar com quem somos. *Dasein* só se encontra em sua existência, quando se deixa ser.

Esse descompasso entre professor e aluno faz que os mundos não se encontrem e não se sintonizem. Como o aluno de hoje vem “chipado”, com possibilidades de uso em variedades e quantidades de tecnologia e pela técnica, Heidegger (2016) entende que *Dasein* desvela-se enquanto constrói sua existência, esteja onde estiver.

Existem adultos que aprenderam a utilizar as tecnologias e o fazem com maestria. Se analisarmos os porquês disso, entenderemos que eles passaram a usá-las em sua vida, movidos por uma força subjetiva e não coercitiva. A sala de aula não é um espaço para imposições, mas sim para convergência e busca conjunta. A técnica é um grande manancial que flui naturalmente e não é algo a ser caçado, para suprir alguma necessidade.

Essa tendência de controle sobre *Dasein* é contraproducente. É necessário deixar fluir o Ser, enquanto esse se confirma no mundo. Não é possível manipular tudo. A técnica torna-se um equívoco, quando ela é obrigatória

MITO QUATRO - A INTERNET FAZ-NOS ESTÚPIDOS

Neurocientistas, tais como Carr (2018), têm afirmado que o uso excessivo de aparelhos digitais tem feito as pessoas estúpidas. Os computadores têm realizado desde atividades complexas de raciocínio até as tarefas mais simples. Já é fato comum percebermos que os alunos não calculam e não querem aprender o cálculo.

A empresa de tecnologias IBM tem lançado muitos produtos revolucionários no mercado como o Watson:

No momento, Watson, o supercomputador da IBM, já consegue ajudar a recomendar, em poucos minutos, tratamentos personalizados para pacientes com câncer, comparando os históricos da doença e dos tratamentos, exames e dados genéticos com um universo “quase” completo de conhecimentos médicos atualizados. (SCHWAB, 2017, p. 30)

Também já existem no mercado um software (consultor jurídico) que monta peças de advocacia com exatidão, após breve preenchimento de questionário, colocando a advocacia na mesma berlinda que foram enviados taxistas, datilógrafos e jornalheiros. Em breve, também os médicos clínicos poderão ser substituídos pelos computadores “médicos”. Após preenchimento de resultados de exames e históricos informados pelo paciente fornecem diagnósticos com enorme precisão e maiores índices de confiabilidade. No mercado, já existem aplicativos com este fim para uso do médico, mas agora, desenvolvem-se autonomia com relação de paciente, laboratório e computador.

Softwares de engenharia, em uma velocidade espantosa, apontam fragilidades e verificam as estruturas de uma construção civil ou mecânica. É possível simular os efeitos físicos sofridos por qualquer veículo, incluindo aviões, colocados em determinadas situações de colisões ou até árduos intemperes da natureza, como um navio cruzando na pior das tempestades.

Resultados com margem de erro, próxima a zero, seriam impossíveis de serem calculados pelo homem com tamanha precisão. Tanta magnitude só poderia resultar em menor esforço para o próprio homem e maior conforto mental, já que se exigiria dele esforços em buscar resultados pessoais e sociais.

Sócrates¹⁰ dizia e repetia que não escreveria seus pensamentos, pois se o fizesse, tornar-se-ia preguiçoso e imbecil. Enquanto seus pensamentos tivessem de ser repetidos, sua memória estaria sempre robusta e viva. Hoje ele se indignaria, vendo pessoas recusando lembrar de tarefas simples, pois aplicativos podem realizar quase de tudo.

A dependência alcançou tal limite que um *app* existe, para lembrar pessoas de que precisam tomar água, ir ao banheiro ou lembrar de comprar leite, pão e bolachas. Outro fato importante é a expansão de nossas memórias pelo efeito Google.

Sparrow (2011), ao descrever o efeito Google junto de sua equipe, descobriu que os alunos lembram mais das informações que não são suscetíveis de encontrar na internet, do que as informações que estão na rede. Estes alunos desenvolveram habilidades de buscar determinadas informações nos motores de busca e assim, sabem onde encontrá-las, só guardando aquilo que não esteja disponível. A internet tornou a expansão externa gigante da memória. Eles confiam nesta expansão, com isso não guardam mais as informações.

Heidegger (2016) já dizia que o domínio da realidade pela técnica seria a causa atual do rumo. Como se observa, *Dasein* já não é mais senhor do sentido, pois a técnica roubou-lhe essa atribuição, esvaziando-o em seu Ser.

Já não tomamos mais o cuidado de querer lembrar de pequenas coisas, pois o *EveryNote* faz isso para nós. Nem de pensarmos nos compromissos, pois o *Google*

¹⁰ **Sócrates** (em grego: Σωκράτης, IPA: [so:kráte:s], transl. *Sōkrátēs*; Atenas, c. 469 a.C. - Atenas, 399 a.C.) foi um filósofo ateniense do período clássico da Grécia Antiga. Creditado como um dos fundadores da filosofia ocidental, é até hoje uma figura enigmática, conhecida principalmente através dos relatos em obras de escritores que viveram mais tarde, especialmente dois de seus alunos, Platão e Xenofonte, bem como pelas peças teatrais de seu contemporâneo Aristófanes. Muitos defendem que os diálogos de Platão seriam o relato mais abrangente de Sócrates a ter perdurado da Antiguidade aos dias de hoje. (...) Sócrates assumia-se como alguém que sabe que nada sabe. Assim, para ele, a escrita fecharia o conhecimento, deixando-o de forma acabada, amarrando o seu autor ao estrito contexto de afirmações inamovíveis. (fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/S%C3%B3crates> acesso em: 14/06/2018)

Agenda emite um SMS e um alarme para nos lembrar par a passo os compromissos que temos no decorrer do dia.

Se avançamos nos estudos, transferimos aos computadores a responsabilidade pelos cálculos e diagnósticos, ou seja, como disse o filósofo, a realidade está sendo dominada pela técnica. Heidegger (2016) alerta que o problema não está na técnica, pois ela é uma extensão do homem, mas sim como utilizamos a mesma.

Vivemos robotizados, trabalhamos e adaptamos nossa forma de fazer para atender às especificidades de softwares. As pessoas não fazem do jeito racional e sim do jeito do sistema. Quantas vezes já ouvimos de atendentes em bancos, ou supermercados e diversos órgãos públicos: “O sistema não permite; o computador bloqueia; eu tentei mas o sistema não deixou e etc.”

Conforme nos diz Heidegger (idem); vivemos a técnica como a nova era da humanidade e aqui está a chave do problema, ou, a tecnologia moderna sobrepondo a ontologia tradicional. O homem deixa de ser a razão para dar o lugar a razão para o fazer, a tecnologia sobrepõe o modo de ser tradicional.

Nosso fazer é função de uma técnica e não por acaso. Como vimos, as tecnologias trouxeram respostas líquidas e certas a diversos problemas. Não meditamos mais (aulas de cálculo para engenheiros, para que?). Perdeu-se o interesse de perguntar, questionar, buscar as verdades. Estamos imersos pelas técnicas, com pensamentos mecânicos e determinados.

As pessoas já não se cumprimentam mais; tudo é mecânico. Falamos “oi” para colegas de trabalho através de redes sociais. *Dasein* está sendo automatizado. **Sofremos mudanças ontológicas.** Frankenstein¹¹, criação de Mary Shelley, virou contra seu criador, destruindo aquilo que é próprio de *Dasein*, ou seja, subtraindo dele o pensar e sua relação com a realidade. Para Martin Heidegger, pensar está na essência de *Dasein*. O problema não está em rejeitarmos a tecnologia, mas sim de

¹¹ Frankenstein; or, The Modern Prometheus is a novel written by English author Mary Shelley (1797–1851) that tells the story of Victor Frankenstein, a young scientist who creates a grotesque but sapient creature in an unorthodox scientific experiment. Shelley started writing the story when she was 18, and the first edition of the novel was published anonymously in London on 1 January 1818, when she was 20. Her name first appeared on the second edition, published in France in 1823. (fonte: <https://en.wikipedia.org/wiki/Frankenstein> acesso em: 19/06/2018)

não nos esquecermos de quem nós somos, isto é, *Dasein*, ou aquele que dá sentido ao mundo.

Pergunta-se: tudo isso é evidência, para mostrar que a internet tem feito que as pessoas se tornem mais imbecis? Embora Carr (2018) apresente evidência sobre isso, acreditamos mais na fala de Pinker (2010), quando ele afirma que agora sim, estamos fazendo um melhor uso de nossos cérebros. Não nos ocupamos com as coisas desnecessárias; guardamos informações na mente; temos informações guardadas fielmente e buscadas quase instantaneamente.

Para que andar com mapas na cidade e ficar perdido, solicitando informações, se o GPS me leva muito mais rápido e com mais segurança, aproveitando assim melhor o meu tempo. Certamente, a sociedade de hoje é muito mais sábia que a de ontem. Não há razão para pensarmos que ficamos mais estúpidos?

O aluno consegue encontrar na internet uma aula de física, química, biologia ou qualquer outra, sem custo e com boa qualidade. O papel fundamental da escola que era fornecer conteúdo, vai dando lugar a outras tarefas. Isto pode ser muito bom desde que o professor se atente a explorar este recurso. As aulas podem ganhar em produtividade e otimização.

O que enxergamos hoje é uma possibilidade de otimização do tempo, quase sempre perdida, em função de práticas de ensino inadequadas ao contexto que os alunos vivenciam. O próprio aluno chega acelerado pelos excessos da vida moderna, com múltiplas conexões, coisas para fazer (mesmo que sejam redes sociais ou outras ocupações pessoais) e ainda, acelerado em busca de informações.

Nunca se leu tanto, como estamos lendo agora. O grande problema é que a leitura não aprofunda e não critica. O aluno internauta lê e se informa sobre diversos assuntos. Mas não esgota de textos longos. Hoje, lê-se muito, escreve-se também, porém de forma fugaz, a tal ponto que as revistas digitais fragmentam matérias, interpostas com figuras e com possibilidades de cliques no mouse. Para Carr (2018), o leitor é muito ativo, quer ler trechos, clicar em algo, ver figuras, afinal está adaptado às multimídias e às páginas de internet.

A sociedade está sofrendo profundas mudanças em seu relacionamento. A escola tem um papel nesta revolução. Sua demora em assumir seu novo papel, retira-lhe o papel de guiar na mudança, para ser guiada na mudança. A tecnologia não deveria produzir imbecis, mas sim experts e espertos que sabem utilizá-la de maneira equilibrada e libertadora. Educar o aluno para o uso consciente das tecnologias, também deve ser papel da escola.

Por exemplo, ao pensarmos em internet, devemos produzir oficinas sobre *fake news*, onde notícias seriam verificadas nos laboratórios das escolas. Planejamento de tempo, com programação para estudo, lazer e uso das redes sociais. A escola deve exercer este importante papel que é guiar o aluno para uso coerente e consciente da internet. E ainda, refletir com seus alunos o que é informação e o que é conhecimento, são a mesma coisa?

Dasein torna-se ele mesmo, à medida que entende a ambiguidade, que não se perde em futilidades e que não desiste de ser aquele que atribui o Ser de tudo que existe. O Ser não é o Ente, mas o sentido do Ente. Essa tarefa cabe a *Dasein* no mundo.